

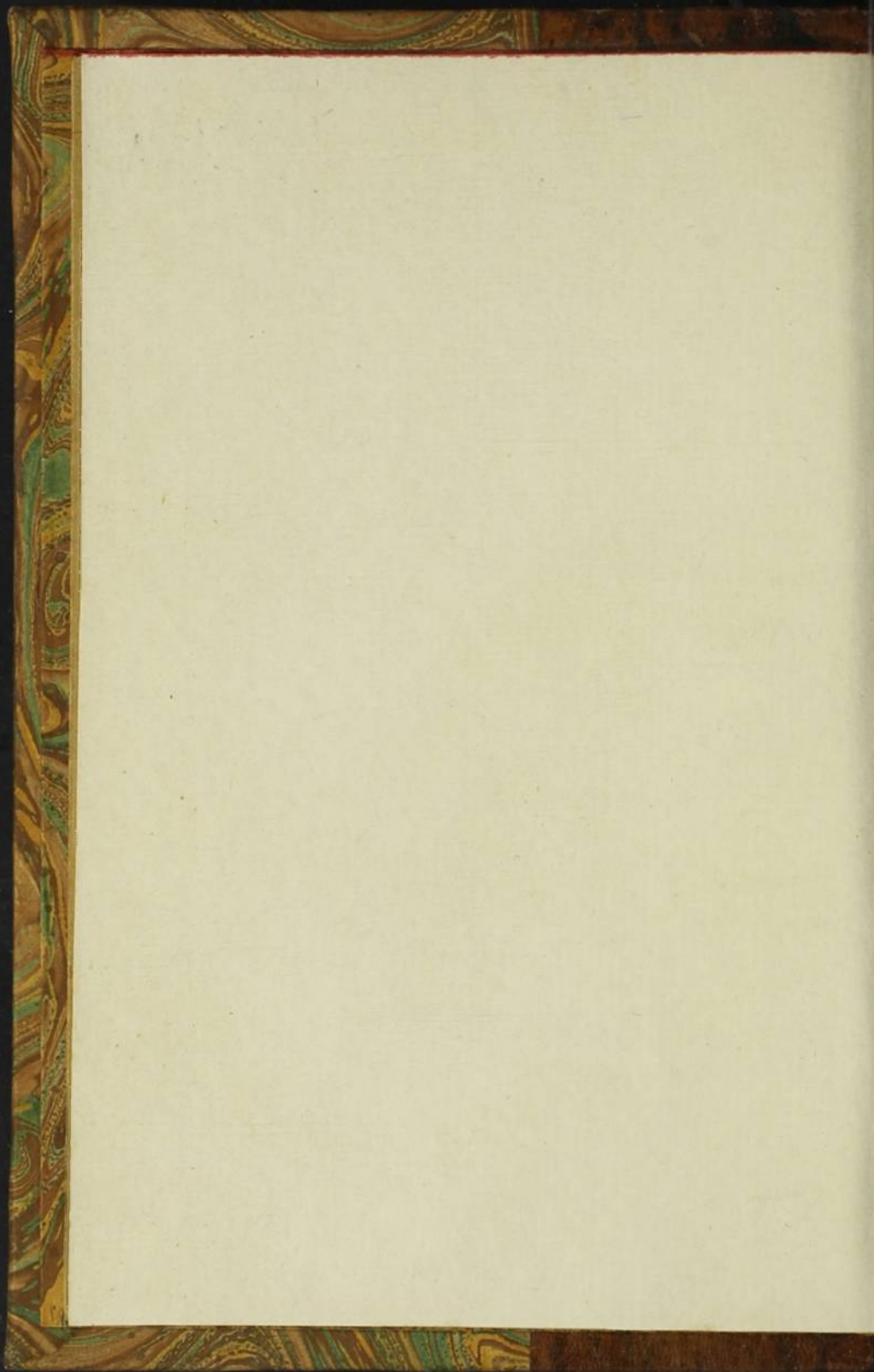


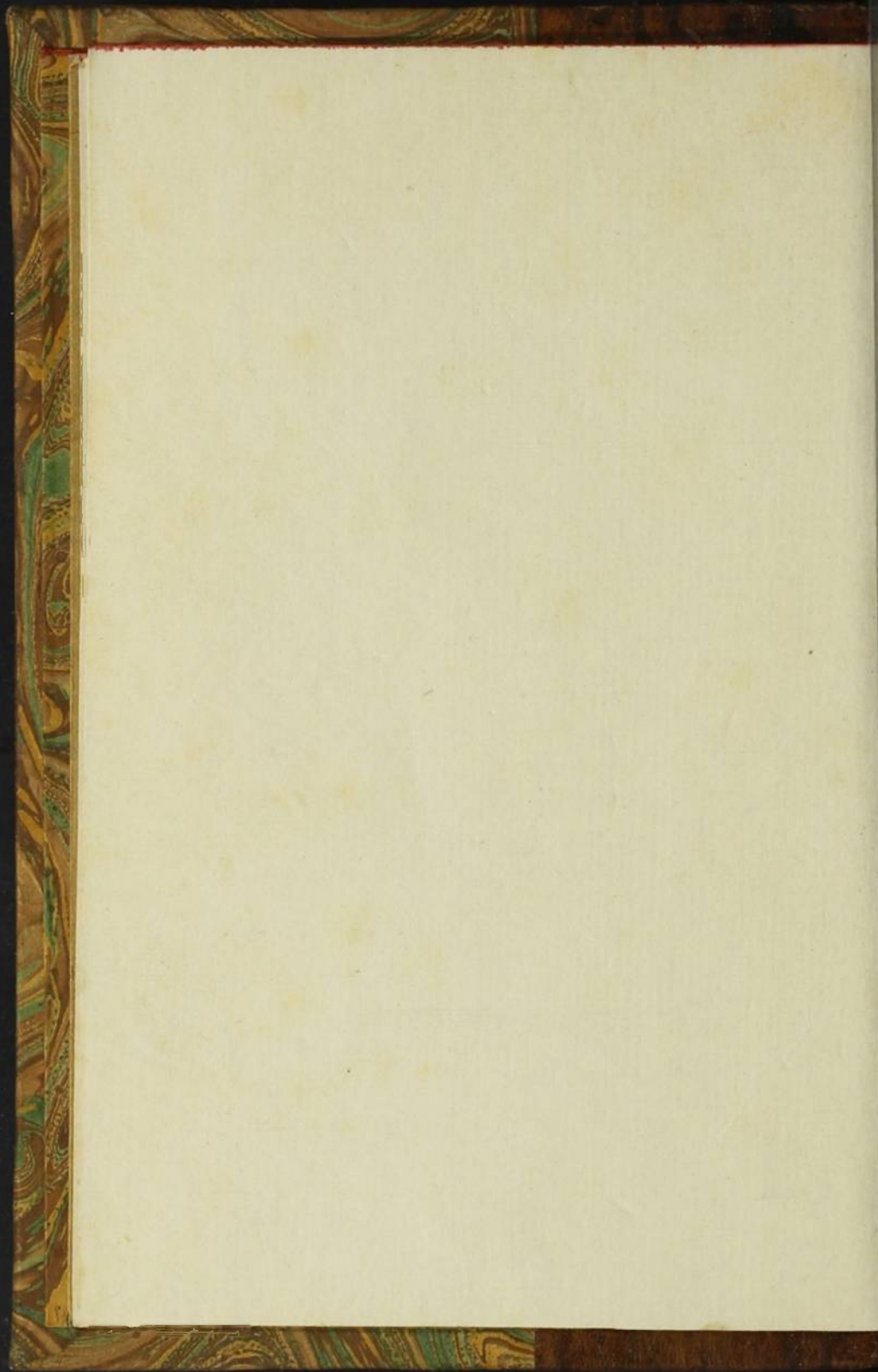
Le ne fay rien
sans
Gayeté

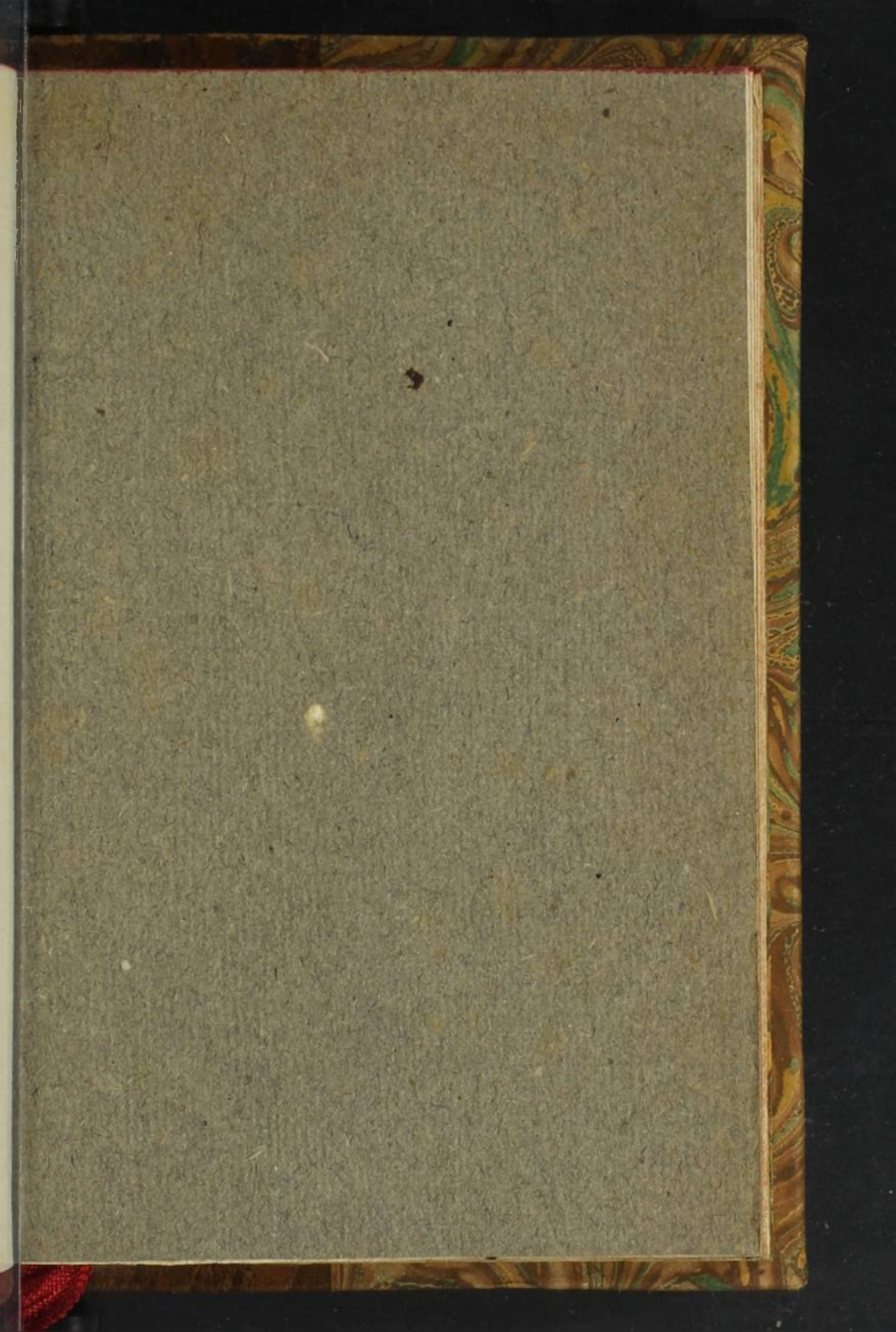
(Montaigne, Des livres)

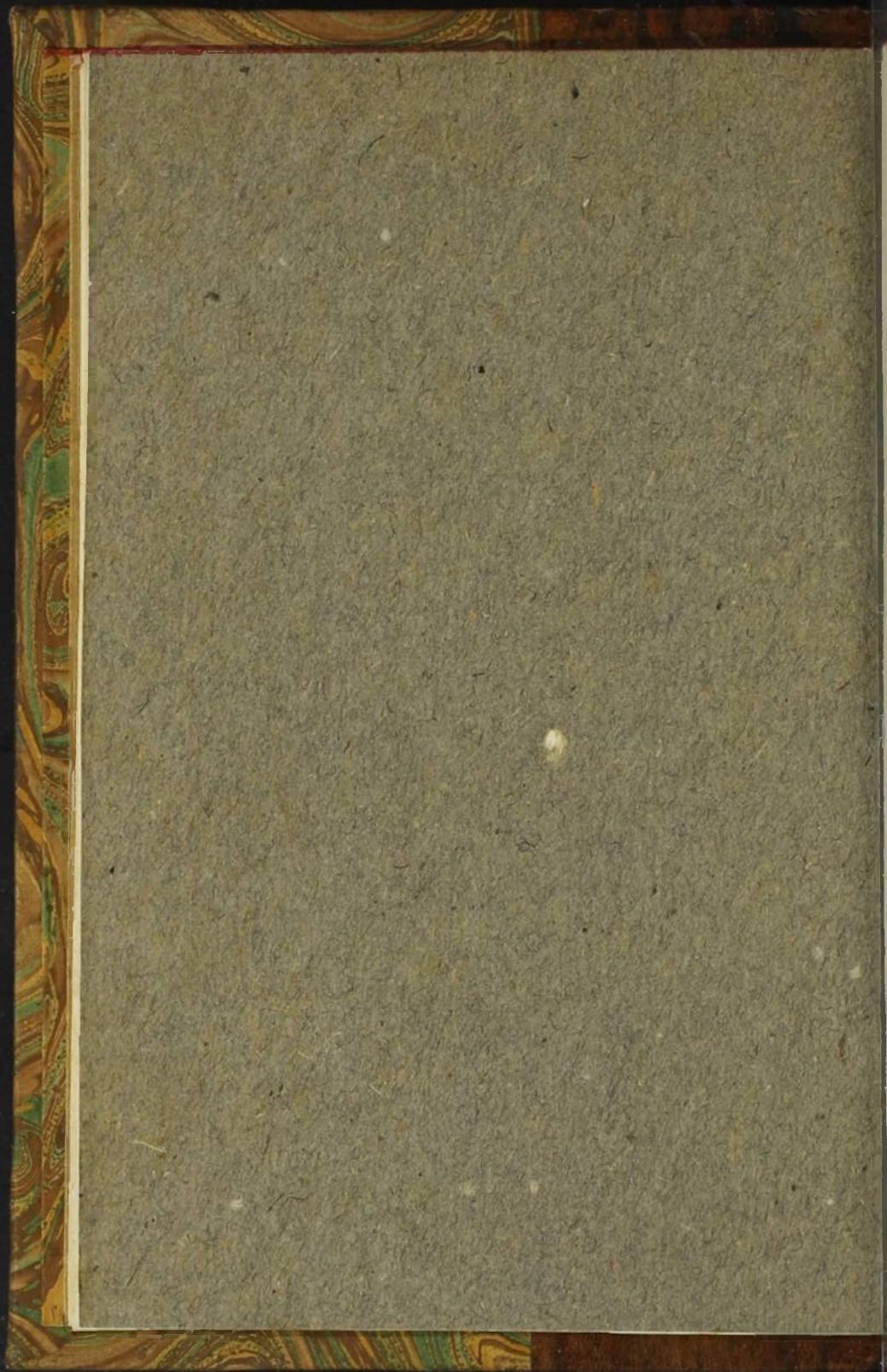
Ex Libris
José Mindlin











A VESTAL.
TRAGEDIA EM 3 ACTOS,
TRADUZIDA DO FRANCEZ

P O R

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Improbe Amor, quid non mortalia pectora cogis.

Virgil.

A
THE
THE
FOR
DE
THE
1857

ERICIA , ou A VESTAL.

T R A G E D I A

TRADUZIDA

P O R

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

Para se representar no Beneficio de Joaquina Lapinha , primeira Actriz do Real Theatro do Rio de Janeiro.



REIMPRESSO NO RIO DE JANEIRO.

A N N O . M . D C C C . X I .

*Vende-se na Loja de Paulo Martin filho a
800 reis.*

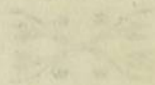
Com Licença de S. A. R.

ERIGIA, ou A VESTAL
TRAGEDIA
TRADUZIDA

FOR

MANOEL MARIA DE BARROSA DU ROUAC

Paris se representa no theatro de S. Joze
na academia, no dia de S. Antonio
no dia de S. Antonio



IMPRIMISSO NO RIO DE JANEIRO.

M. D. C. C. C. X. I.

Impresso na Typographia de S. Joze
no dia de S. Antonio

Por S. Joze de S. Antonio

PROLOGO DO TRADUCTOR.

O Genio Portuguez (1) expõe na Scena
 A' critica sisuda hum triste caso
 Do salaz paganismo acção funesta:
 Fructo dos tempos, dos costumes feros
 Que as leis da humanidade asoerbárão:
 Quem tão ferreo será, que não deplore
 Candida Virgem, misera donzella,
 Ornamento gentil da natureza,
 Nascida, brando amor, para teu jugo
 Aos prazeres, ao Mundo arrebatada;
 Victima d'ambição d'hum Pai tyrano,
 Gemendo em ferros, que só rompe a morte
 Que a vã suprestição julgou sagrados,
 E na revolta idéa em vão nutrido
 Agras memorias de chorado amante?
 Horrorize Ulisea a lei tremenda,
 Q' em Roma confundio ternura, e crime;
 As fraquezas d'amor tem jus ao pranto,
 E da humana existencia amor he parte;
 Em todos vive, a todos senhorea,
 E a doce compaixão, que n'alma influe,
 Pelos males que vê, requinta n'alma
 Se os padece virtude, ou formusura;
 Sensiveis corações choraí com ella;
 Rebentem, fervão lágrimas nos olhos
 Do terno Espectador, gemidos soem;
 De Melpomente a gloria em ais consiste.

A

(1) Entendo Genio pelo Espirito Poetico da Nação.

A illusão , que á verdade as cores furta
 Muda Ingares , seculos transplanta ;
 Realisa ficções , com alta industria
 Faz que ás patrias arêas extorquido
 Murmure o Tibre , onde murimura o Téjo.
 Revivão leis crueis , ou leis suaves ,
 E até do somno eterno acordem cinzas ;
 Os olhos julgarão ; e os pensamentos ,
 Que , entre negro tropel de paixões cegas ,
 A morte sobre a Scena está reinando
 Hão de cuidar medrosos , e apiedados ,
 Que o ferro matador se vai sumindo ,
 No seio virginal da triste amante ,
 Do infeliz amador no peito ancioso :
 Tanto a maga illusão nas almas pôde !
 Tal não seja porém o imperio della ,
 Que em ti , grave assemblea illuminada ,
 Insinue apparente analogia ;
 Na guerra atroz d'indomitos affectos
 Asalteado o Ceo não se te antolhe ,
 Nem cuides que allegorico artificio
 D'audaz profana Musa envolve , iguala
 Santa Religião com impia crença.
 Desesperado , insano Amor declama ;
 Deo-se-lhe a voz , o ardor que lhe competem
 Contra a suprestição brutal e infesta ,
 Contra leis que o rigor santificára ,
 Contra votos servis d'alma arrancados
 Sacode o turbilão d'horrendas pragas ,
 Não contra o Domicilio augusto , e sacro
 Onde o Deos da razão lhe espraia o lume ,
 Que as nevoas gasta da moral cegueira ,
 Onde jugo macio enlaça os collos ,
 Os niveos collos d'innocentes Pombas ,
 E onde a benigna , placida Virtude

Com sereno prazer se ri, coroada
Das flores, que do Ceo lhe estão cahndo.
Temeraria allusão não damna os versos,
Com q' a furia d'amor com duro exemplo
Expavorindo o Mundo, o Mundo instrue,
E d'enorines desgraças o acaut'ella.
Bocage os atrahio do Sena ao Téjo,
Bocage, que d'afeito á desventura,
E aos tormentos d'amor, cantar não sabe,
Seus gostos casuaes, seus bens tardios:
De vãos prazeres frívolos escravos,
Vós almas frias que a tristeza enjoa
Ah! longe, longe; ás almas, como, a sua,
Dirige o Vate a luctuosa offrenda,
E o pranto, que notar, será seu premio.

1870
The first part of the book
is devoted to the history
of the country from the
time of the discovery
of the gold fields to the
present day. The second
part is devoted to the
description of the country
and the third part to the
history of the gold fields.
The book is written in a
clear and concise style
and is well illustrated
with maps and diagrams.
It is a valuable work
for all those interested
in the history and
geography of the country.

10
A C T O R E S .
YERONIMO, Alcaide da Vila.
ERICA, filha de YERONIMO.
LUCAS, filho de YERONIMO.
ALVARO, filho de YERONIMO.
ALVARO, filho de YERONIMO.

ERICIA, OU A VESTAL.

TRAGEDIA

TRADUZIDA

POR

MANOEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE.

A C T O R E S.

VETURIA *Primeira Sacerdotiza de Vesta.*

ERICIA *Vestal.*

EMILIA *Donzella , que aspira ao culto de Vesta.*

AURELIO *Grão Sacerdote.*

AFRANIO *Patricio Romano.*

Vestaes , Sacerdotes , Povo Romano, Soldados.

A Scena he em Roma no Templo de Vesta.

ACTO I.

O Theatro representa o Templo da Vesta. O fogo sagrado está acceso no Altar. He noite, e só este fogo allumia o Templo. As Vestaes estão prostradas.

SCENA I.

Veturia encostada com huma das mãos sobre o Altar.

Vet. **O** Deosa protectora dos Romanos,
 O' Vesta Sacrosanta, Augusta Virgein,
 Sé favoravel sempre a quem te adora;
 Por teu sopro immortal sempre animado
 O sacro fogo em tuas Aras brilhe.
 Em quanto o vencedor d'altiva Hespanha,
 Em quanto Scipião de Roma as Aguias
 Conduz ás Torres da feroz Carthago,
 Dobra a cerviz do indomito Africano
 Tu volve para nós benignos olhos,
 Conserva a paz, e a gloria em nossos mu-
 ros;
 Ouve a tua fiel Sacerdotiza,
 Que t'incensa, t'invoca, e deste Povo

Pro

Preces , votos depõe nos teus Altares. (1)
 Vós , ó filhas do Ceo , Donzellas Santas ,
 Vós , cujos corações purificados
 A' virtude , ao dever se consagrãõ ,
 E a quem neste feliz , quieto asylo
 Hum destino suave os Ceos concedem ,
 Longe das cegas illusões do Mundo ,
 Dai , dai graças a Vesta ; os seus favores
 Deprecai , increcei : nos cultos della
 Só devem consistir vossos cuidados ,
 Desejos , pensamentos , gloria , tudo. (2)
 As sombras vem cahindo , e quando a Aurora
 Desfizer a nocturna escuridade ,
 Veremos outra vez o dia illustre ,
 Em que o melhor dos Reis , o sabio Numa ,
 De Vesta submetteo ao grande auspicio
 Seu Throno inda recente , e neste dia
 A Deidade immortal de nós espera
 Almas submissas , corações libertos
 Das viz torrentes da fraqueza humana (3)
 Para a santa , annual festividade
 A lembrança dos votos vos disponha ;
 Nada os pode annular. Pensai , ó Vir-
 gens (4)
 No terrivel sepulcro destinado
 Para a torpe Vestal , que escandalosa
 Da Deosa macular a Estancia Augusta ;
 Pensai , pensai que em vós he crime hum
 erro ,

Que

-
- (1) Para as Vestaes que se erguem.
 (2) Ericia suspira.
 (3) Ericia se perturba.
 (4) Novos signaes de perturbação em Ericia.

Que Vesta lê nas almas, que seus olhos
Sempre estão fitos neste immenso espaço,
E, mais que em tudo, em nós; que não
conhecem.

Nem tempos, nem limites, nem distancias,
Q' abarcando o Universo elles penetrão,
Com prompta, com igual facilidade,
A densa terra, os ares transparentes.

Rocolhei-vos. É tu, que pela sorte (1)
Hoje para velar foste escolhida,
Conserva este deposito sagrado;
Vê que nestes altares venerandos (2)
A Deosa te escudou solenes votos;
Hum queixume, hum só ai pôde a gra-
va-la;
Treme, adora-lhe as leis, fê digna della.

S C E N A II.

*Ericia só olhando para Veturia,
que se vai.*

Eri. **A** Sfim da minha dor se compadecem!..
O Ceo devia ouvir pezados votos,
Votos que o coração desaprovava!...
Hum inflexivel Pai me trouxe, ó Deosa,
Victiina involuntaria aos teus altares;
Tu o sabes; indigna de sevir-te,
Podia submetter-me a teus preceitos;
E dar-te hum coração que ja não tinha?
Afra-

(1) Vão-fê as Vestaes menos Ericia.

(2) Aponrando para o lume sagrado.

Afranio mo roubou, inda o possue,
 Inda a memoria do meu doce amante
 Me persegue a teus pés, ó Divindade.
 A qui mesino suspiro, ardo por elle . . .
 Saberá de meu mal! terá noticia
 Das lagrimas, que dou á sua ausencia! . . .
 Chorará como eu choro! . . . Amar-me-ha
 inda?

Ah d'úvida cruel, tu me envenenas . . .
 Deosa! Deosa! Eu t'offendo, eu te profano,
 Mas hum lustro (ai de mim) soltar não pôde
 De suave attracção meu pensamento;
 Nelle reina, triunfa a grata imagem
 De meus benignos amorosos dias.
 Suffoca para sempre, extingue, ó Deosa,
 Este fogo invencivel, que m'abraza;
 Arranca-me do peito o mavioso
 Coração infeliz, e atribulado,
 Que nasceo para amar, e amar não deve.

S C E N A III.

Ericia, e Emilia.

Emi. **O** Zelo a ti me guia, eu te supplico
 Me permittas velar contigo a noite,
 Em que t'he confiado o Sacro lume;
 Cedo ao culto de Vesta hei de obrigar-me;
 Tão doce expectação quanto me he grata
 De ti venho aprender como se deve
 Servir a Divindade.

Eri. . . . Ah desgraçada! (1)

Emi.

(1) Olhando-a com ternura.

Emi. Digna-te pois

Eri. Emilia , ainda es livre

Assim como a seduzem já tentarão
Seduzir-me , encantar-me ao jugo acerbo.
Eu fugia , eu me oppunha ! . . . Ella s'en-
trega ! . . .

N'hum abyssino de males , de tormentos
A querem despenhar. E o zelo he isto ! . . .
Ah , tua alma innocente , ingenua , pura
Tem medido , ai de mim , tem ponderado
Toda a longa extenção destes deveres ,
A que intenta cingir-se ?

Emi. Apaz , e a gloria

Venho aqui merecer , gozar contigo ;
De Vesta os beneficios , a clemencia
Tua felicidade . . . Ercia choras ? . . .

Eri. Que beneficios !

Emi. Ceos ! quanto me assombrão

As lagrimas que vejo ! . . Angustia . . Pranto
Neste sacro lugar ! . . Não , tudo , tudo
Aqui me linsonjêa , aqui m'offrece
A face da ventura.

Eri. Ah ! como a enganão !

Eu devo ao pé do abyssino allumiar-lhe ;
Mal póde a compeixão ser hum delicto !
Fascinaião-te , Emilia , cuve a amifade.
Choro os taus Fados . . . A innocencia tua ;
De ti , dessa illusão sinto a piedade ,
Que de mim não sentirão ! . . . Mais sincera
Mais justa devo ser . . . Buscas , ó filha ,
Buscas nestes Altares a ventura . . .
Sabe que não existe onde a presumes.

Emi. Ceos !

Eri. . . . Desesperação , pavor , tristeza ,
Mais terriveis que a morte aqui residem ;

As almas carregadas, opprimidas
 C'o pezo do dever, aqui desmaião;
 Eterno Abutre d'implacavel fome
 Aqui mirradas Victimias devora;
 Aqui surgir do peito os ais não oufão,
 Medroso ao coração recua o pranto;
 Té a mesma virtude, em toda a parte
 Tão doce tão pacifica, mudando
 De natureza aqui nos atormenta,
 Nos faz desesperar, morrer mil vezes.

Emi. Que! Padece-se aqui! sinto a minha alma
 Confusa de t'ouvir, não convencida
 Ah quererás talvez experimentar-me!
 Perdoa. Roma cré que sois ditosa,
 Q' a Deosa com tranquillos puros gostos
 Próspera, aformosêa os vossos dias.

Eri. Roma não vê, não sabe o que soffremos,
 A desesperação que em nós fermenta;
 Roma de longe nos aplaude . . . e os ferros
 Nos peção mais, e mais de dia em dia.
 Estas grossas muralhas vedão, somnem
 A seus olhos o horror que nos abrange.
 Tu ainda és feliz, ainda ignoras
 A que tribulações, a que delastres
 O humano coração nasceo propenso.

Emi. Encontrão as que incensão seus Altares
 Amargosa oppressão nas leis de Vesta?
 Do Mundo que deixarão tem faudades?

Eri. Da-me credito Emilia. . . Oh quantas quan-
 tas,
 Como tu, conduzidas pelo zelo
 Aos Altares de Vesta, e retratando
 (Mas já tarde) os seus votos indiscretos
 N'hum silencio tyranno a dor enfrãeo!
 Algumas ha (mais dignas de carpir-se)

Que

Que victimas do grão que os Ceos lhes derão
 (Ou antes da ambição de pais injustos)
 Vierão com violencia a estas Aras
 Votar-se á solidão, ao captiveiro,
 Enterrar-se n'hum carcere de horrores,
 Quando ao Mundo as chamão os pensa-
 mentos!

Ao Mundo que a seus olhos presentava
 Alta felicidade em mil objectos,
 Gostos neste lugar desconhecidos!
 O templo em que lhes cumpre, em que he
 forçoso

Q' a magoa lhes consuma os turvos dias,
 Sem que doce esperança as linzonjêe,
 Este rigido Templo hum muro ingente
 Ergue entre ellas e o Mundo; ellas deseirão
 Ir gofã lo outra vez, querem remir-se
 D'amargosa oppressão . . . Mas lei sagrada

Eri. Invencivel obstaculo as suspende!

Além desta muralha antiga horrenda,
 Que de tudo as separa, a cada instante
 Sua alma s'arrebata, s'extravia,
 Seus pensamentos vão, vão seus desejos
 Sedentos demandar entre os Romanos
 Hum prazer que lhes foge, e Fados novos;
 Mas em ferrea prisão seus agros dias
 Ao rigoroso Templo estão ligados
 As lédas illusões se desvanecem
 E a desesperação de horror cercada
 Os tristes corações fica roendo.
 Então sente-se mais o pezo ao jugo,
 A' morte que o defate então se roga;
 Mas ao continuo rogo a morte he surda:
 Vai calada afflicção ralando o peito,
 Nenhuma destas victimas se affouta

- A declarar feu mal antes o occulta.
 Póde ao menos no Mundo a quem nos ama
 O nosso coração manifestar-se
 Póde chorar no Mundo , e ser chorado ;
 Mas aqui a afflicção não tem piedade ;
 Miseros corações aqui não gofão
 Nem a consolação de os lamentarem ,
 Esse unico prazer dos desgraçados !
- Eri.* Nada póde aterrar-me : o genio , o zelo
 Aos Altares da Deosa me guiárão ,
 O Mundo para mim não tem valia ;
 Pago-me de o deixar ; memorias suas
 Já mais me custaráõ nem hum suspiro.
 Que attractivos ha nelle ? os vãos prazeres ,
 O nada dos seus bens sentio minha alma ,
 Sagaz adulação vãmente os doura ,
 No mundo affecta o vicio de virtude :
 Triunfa o crime. Os Deoses se profanáõ.
- Eri.* Ah que o conheces mal ! Tua innocencia
 O Mundo pinta , e crê , segundo as falças
 Doutrinas , que recebe a cega infancia.
 Não achas preciosa a liberdade ?
- Eri.* Mas essa liberdade , isso que choras
 Quando he nosso ? As mulheres sempre es-
 cravas ,
 Victimias do interesse e do costume ,
 Dependem do dever , e não da escolha ;
 Se acató d'hum Conforte ás leis se obrigão ,
 Cumpre condescender com seus caprichos ,
 Supportar seus defeitos ; cumpre ama-lo ,
 Cumpre até venerar-lhe as injustiças :
 Póde-se appétecer tão duro estado ?
 Ah ! só neste lugar ferei ditosa.
- Eri.* Serias , porque tens tranquillo o peito ,
 Aqui mansa innocencia abrigo encontra ;

Mas

Mas o tempo virá tornar penoso
 O estado que tão doce te parece;
 E o véo das illusões ha de romper-se
 Nessa viçosa idade, em que os humanos
 A si mesmos s'ignorão, inda Emilia,
 Inda o teu coração te não diz nada.
 Tens mudos os sentidos, e ociosos,
 Nada os ancéa. A natureza dorme,
 Ella despertará. Não pára o tempo;
 Vem apontando a idade, em que tua alma
 Surgirá do lethardo e da indolencia,
 Sentimentos incognitos provando:
 Não lhe hão de então bastar, nem sacia-lo
 Os Altares de Vesta, as leis e o culto.
 Dos primeiros desejos assombrada,
 Inquieta, pungida, ao pensamento
 Te virá nova sorte e novo estado;
 O Mundo que odioso se t'antolha,
 Outra côr tomará na tua idéa . . .
 Mas tarde, mas em vão! E a soledade,
 Este jugo, este horror, o Alrar e os votos
 Hirão de dia em dia exacerbando
 O teu desassozego, os teus desgostos.

Emi. Dessas perturbações, desses desgostos,
 De que excitas em mim confusa idéa,
 Aqui meu coração terei seguro.

Eri. Que seria de ti, se hum doce objecto
 O tenro coração t'esclarecesse
 Entre esta escuridão! Se affoguiada
 Tua alma por outra alma suspirasse,
 Que açeza appetecesse unir-se á tua!
 Em tal consternação onde acharias,
 O' triste, o teu soccorro, o teu refugio?
 Buscarias de balde a paz perdida.
 Leio em teu coração pelos teus olhos,

Sei que te deixa absorta o que m'escutas.
 Teme a tua innocência, ella concorre
 A seduzir-te, Emilia. Esta lingoagem,
 No lugar onde a fallo, he estrangeira
 Mas do risco, em que estás, quero salvar-te.
Emi. He tal que te mereça a dor que observo!
 Commovem-me teus ais, creio em teu pran-
 to

A pezar d'afflicção d'hum Pai querido,
 Que saudoso entre os braços me affagava
 A idéa de ventura aqui me trouxe
 E (1)

Eri. . . . Fallas em teu Pai? . . . E's d'elle amada?

Emi. Eu sei que lhe he penoso o meu projecto,
 E culta-me affigi-lo.

Eri. Ama-te, Emilia?

E atreves-te a deixa-lo? . . Ah! considera?
 Nesse amor, nesse bem, merece-o, torna
 Ao seio paternal, vai consola-lo.
 Como és digna de inveja! . . . Hum Pai
 te anima!

Ai de mim! quantas lagrimas excitão
 Neste triste lugar! de quantos males
 Inexoraveis Pais tem sido origem!
 As preocupações, o orgulho, o sexo,
 O jus dos primogenitos, ou antes
 Parcial injustiça, em hum dos filhos
 Lhes concerta os desvelos e a ternura.
 Instados d'ambição guia-lo intentão
 A's altas, ás pomposas Dignidades,
 E ao futuro esplendor lhes sacrificio
 As miseras Irmãs! . . Oh Pais tyrannos!
 Que!

(1) Eriçia interrompendo-a.

Que! não murmura em vós a natureza
 Contra esta preferencia abominavel! . . .
 Foge, foge daqui, ditosa Emilia,
 Agradecendo aos Ceos hum Pai benigno,
 Vai ser-lhe arrimo á languida velhice,
 Vai ajudar-lhe os vacilantes passos;
 'Teu dever lhe aligeire o pezo á vida,
 Lhe diffarce o pavor da sepultura:
 Quem nos pinta dos Numes a clemencia
 He só a ingenua paternal bondade.

Emi. Cumpre sacrificar aos Deoses tudo:
 Eis o que me ensinárão.

Eri. Desvanece
 Esse engano; em que jaz tua alma envolta,
 Escuta o coração e a natureza;
 Ouve a benigna voz que a todos falla:
 Deve-se culto aos Ceos, aos Pais ternura;
 Triste de quem n'hum Pai acha hum tyran-
 no!

Emi. Ouço-te com terror! Vesta não pôde
 Livrar teu coração destes disgostos?

Eri. Vesta! . . . Vesta! . . . Ai de mim! . . .
 Vai minha filha,
 Vai-te, deixa-ame só! . . . No peito encerro
 Cruéis tribulações . . . Tu não as sentes . . .
 Não as faibas. . . .

Emi. Confia os teus segredos
 De hum coração que te ama, e que. . . .

Eri. Ha segredos,
 Que da alma, que os contém, fahir não
 devem.

A amizade a meu mal não poderia
 Dar lenitivo algum. Deixa-me.

S C E N A IV.

Ericia só.

Eri. **O**H, Deoses!
Quanto em hum coração, s'amor o ancêa,
Custa reter segredos que lhe pezão!
Já não posso esperar socego, allivio!
Ha de sempre a minha alma em seus trans-
portes
Revolver-se no crime e no remorso!
Inda, feliz Emilia, és insensível,
Inda serena victima innocente,
Ignorando o perigo, a dor, e os males,
Que estas fataes abobedas enlutão,
Corres sem susto para o ferro erguido,
Destinado a ferir-te, ah! Inda beijas
O funesto grilhão que te sopeia;
Só vês as flores de que estás croada. . . .
Eu provo todo o horror do sacrificio,
Do sacrificio atroz. Oh Ceo! . . . Não hei de
Mitigar teu rigor! Só d'almas puras, (1)
Prézas, Vesta immortal, o ardor, o incenso
Muda, converte a minha; e se he possível,
Neste peito afanoso influe, oh Deosa.
O fervor, a innocencia, a paz de Emilia.
Esvae ce, destroe, consome, apaga
A lembrança tenaz, que me persegue,
Só quero me esqueça o meu amante. . .
Que desejo! Ai de mim! Quem me dissera,
Que

(1) Chega-se para o Altar.

Que fôra a minha dita, a minha gloria
 Desterra-lo do peito e do sentido! . . .
 Ah! Que acerbo dever, que tyrannia
 Me ordena, justos Ceos, que o sacrifique!

S C E N A V.

Ericia junto ao Altar, e Afranio (1).

Afra. **M**Eus passos guia amor. . . . He ella. . . .
 Ericia! . . . (2)

Eri. Afranio! . . . Ah! onde estou! Que ve-
 jo! . . . Eu morro.

Afra. Formoso, amado encanto, eu venho, eu
 venho.

Esquecer a teus pés minha desgraça.

Eri. Afranio! . . . Junto a mim! . . . Que ardor,
 que infania

Te move a pôr em risco a minha fama,
 Os teus dias e os meus. (3)

Afra. Dissipa o medo.
 Neste feliz momento a forte amiga
 Reconduz a teus olhós lacrimosos
 O teu faudoso amante. Em mil disgustos,
 Sentindo o coração desfalecer-me,
 E deprecando aos Ceos o bem de olhar-te.
 Cansado de carpir, de amar sem fructo,
 Entrei pela saudade enfurecido,
 Na escura solidão do Sacro Bosque,

On-

(1) Afranio caminha inquieto, e olhando para hum
 e outra lado.

(2) Chega-se.

(3) Afranio com tom rapido.

Onde este duro Asylo se remata ;
 Para os cegos mortaes o entra-lo he crime ;
 Mas nada me deteve. . . . Hum Nume ,
 hum Nume ,
 Sem dúvida que alli me encaminhava !
 Occupado em minar de noite e dia
 Passagem , que a teus pés me dirigisse ,
 A terra em fim cedeo , e abrio caminho
 A meus passos , a Amor. Por hum estrada
 Subterranea , profunda , e tenebroza ,
 Que vem findar-se aqui , m'entranho affouto.
 Os olhos veladores , que t'espiaõ
 Attentos ao festejo , em ti não cuidão ,
 Hum amigo me espera , e me assegura
 A fuga vigiando além dos muros.
 Veim pois , aproveitemo-nos do tempo ;
 Eu a teus pés teu coração reclamo ,
 Esse amor puro , que dourou meus dias ,
 Inda em ti resplandece ? E's inda a mesma ?

Eri. Se te amo ! . . . Em que lugar ! . . . O'
 Ceos ! Que intentas ?

Afra. Que receio hei de ter , sendo inda amado ! . .
 (1)

As trevas , o silencio nos ajudão ,
 Jáz afferrada ao somno a tyrannia ,
 E os olhos d'amizade estão velando.
 De ti privado , Ercia , ha quasi hum lustro ,
 Entregue aos frenezins , entregue ás ancias
 Da desesperação , com mil clamores
 Accusando teu Pai , e os Ceos , e os Fados ,
 A vida , e todo o Mundo aborrecendo ,
 Pa-

(1) Com transporte.

Para o fatal Recinto , em que gemias ,
 Com raivoso tremor lançava os olhos :
 Mil vezes (se não fosse o teu perigo ,
 Ou antes tua morte inevitavel)
 Mil vezes tornaria em cinza , em nada
 Este carcere horrendo , este sepulcro.
 Sem cessar flutuando em vãos projectos
 Para ver se mudava o teu Destino
 Té disposto a vibrar n'hum ferro a morte
 Contra teu Pai cruel , contra mim melino ,
 Todo quanto furor nas almas cabe
 Longamente por ti sentio minha alma ,
 Mas do prazer o ardor só sente agora ;
 Tudo em meu coração cede á ternura. . .
 Eu te vejo , eu te escuto , e nada temo.

Eri. As ancias da saudade , o mal d'ausencia
 Supportei como tu. . . Mas em que tempo
 A meus olhos o Ceo te restitue ! . . .
 Envolta nestes véos , ante estas Aras
 Ouso ver-te ! . . . Escutar-te ! . . . Amante !
 Amado ! . . .
 Oh Vesta ! . . . Oh lei penosa ! Oh sorte
 injusta ! . . .

Afra. Do Pai debes queixar-te , e não da sorte :
 A dureza feroz desse tyranno
 Foi só quem motivou nossas desgraças. . . .
 Se a fervida paixão que me inspiraste
 Não fora escudo seu. . . Da minha amada
 Com seu sangue o cruel pagára o pranto.
 Aos Ceos encommendei minha vingança ;
 E os Ceos no horror do tumulto arrojárão
 Teu Irmão , esse objecto em que nutria
 Funestas , orgulhofas esperanças.

Eri. Meu Irmão , já não vive ! Entre estes muros
 Sumida , afferrolhada ao Pai não devo

A minima lembrança ! Inda até agora
Noticia me não deo de seus Destinos.

Afra. C'o a tua compaixão teu Pai condemnas :
Elle renunciando o lustre , a pompa ,
Do mundo l'afastou , e ignoro aonde
A dor e a desventura o conduzirão :
Deposto o nome , o Grão , fugindo a todos
Conta-se que no Altar aos Deoses serve . . .
Embora expie as furias junto ás Aras
Que me importa o cruel , se vejo Ercia ?

Eri. Meu Pai ! . . .

Afra. Ainda o choras ! Não te lembras . . .

Eri. Forjou meu damno , e . . . lagrimas lhe devo ,
Elle em meu coração , elle em meus dias
Vertendo amargo fel , veneno amargo ,
Se privou dos desvelos , dos extremos
De filial ternura : Eu lhe seria
Branda consolação nos seus pezares
Propicio a nosso amor , não levantára
Entre nós esta rigida barreira

Afranio. . . . Que he do tempo em que eu
gozava

Dos olhos teus sem susto ? E estremosa . . .
E tua a par de ti serena , e livre ,
Acceza na paixão , que te accendia ,
Hum prospero futuro imaginava ? . . .
Tão bellos dias para nós morrerão.

Afra. Revivem para nós tão bellos dias ;
Temos em nossas mãos , nossa ventura ,
S'inda o candido amor serve em teu peito ,
Meus males , meus tormentos , meus trans-
portes.

Tem demonstrado affás que amor me in-
flamina.

O sangue dos Publiculas , o sangue

Que

Que as veias me circula, he grato a Roma,
 Roma chora o meu mal, e enternecida
 De hum robusto partido a mão me offerta
 Se és, a que foste, approva o meu desígnio,
 Demos-lhe execução: Risonhos Fados
 Aplanão para nós do bem a estrada.

Eri. Devia-te esquecer. . . . Porém não pude;
 Informem-te este Altar, e aquelles muros
 Entre os quaes meu amor desventurada,
 Te carpio sem cessar chamando a morte.
 Ante este mesmo Altar que he testemunha
 De tão funesto amor, com mil suspiros
 A Deosa contra ti de balde invoco. (1)

Afra. Perdoa. . . . Este lugar vedado a todos,
 Franco está para mim. Venho propor-te
 Que rompas teus grilões, que me acom-
 panhes,
 Que de baixo de hum Ceo mais favoravel
 Nos vamos esquecer do ferreo jugo,
 Que os Deoses, e tua Pai te fabricarão
 Atreve-te a seguir-me. . . .

Eri. Eu extremeço. . . . (2)
 Que pertendes de mim? Não vês, não sabes
 Que Vesta nos contempla, e nos escuta? . . .
 (3)

Afra. Para salvar quem amo eu affrontára
 Os Ceos, os proprios Ceos! . . . Porém que
 digo!
 Propricios a meu gosto os Ceos abrirão
 O caminho que a ti me trouxe occulto.

Na-

(1) Afranio com arrebatamento.

(2) Cheia de furor, e fugindo para o Altar.

(3) Afranio rapidamente.

Nada te impede a fuga , e já supponho
 Inuteis ao projecto os meus sequazes ;
 A tua approvação só quero , e rogo ,
 Cede aos desejos meus , e tudo he facil.
 Amigo inseparavel me acompanha ,
 E da nova intenção vou dar-lhe avizo ;
 Para a fuga dispôr basta-me hum dia ,
 Com a noite á manhã virei buscar-te.

Eri. Que escuto ! . . . Irados Ceos ! Terrinek
 Deosa ! . . .

Donde intenta arrancar-me hum cego im-
 pulsão ! . . . (1)

Trovêja contra mim vingança eterna
 Antes que deste Altar . . . (2)

Afra. . . . E amas-me ainda ? . . .

Eri. Tu reforças meus males . . . Sim eu te
 amo ,

Affas por este amor sou criminosa.
 Hei de ás Aras , e á Deosa abandonando ,
 Da perdição . . . do horror . . . subir ao
 Cume ! . . .

Não Afranio , o soccorro , a mão de Vesta
 Resistencia dará virtude e forças
 A' fragil infeliz Sacerdoriza ;
 O Ceo defenderá do mais enorme
 Do mais negro dos crimes a minha alma :
 Sim aqui morrerei.

Afra. . . . Não , tu , não amas. (3)

Enganou-me a apparencia. Eu vinha , ingrata ,
 De amorosas idéas inflamado . . .

Es-

(1) Com mais terror.

(2) Afranio consternado , e chegando-se a ella.

(3) Affastando-se della com hum furor reprimido.

Esperava hum prazer , hum dia , hum premio

Prometido aos extremos e a constancia

A Deos. . . . Queres que morra. . . . Eu te contento (1)

Eri. Onde vás , caro amante ? . . . Oh , Ceos !
Que disse ? . . . (2)

Afra. De pressa ; que rezolves ?

Eri. Olha o Templo , (3)

A que hum voto cruel me tem ligada ;

Já o meu coração me não pertence ,

Pertence á Divindade. . . . Os juramentos

Que me apartão de ti , bem vês , bem sabes. (4)

Afra. Que dizes ! Que illusão ! Que juramentos ! . . .

Os juramentos teus sôrão ser minha ;

Os juramentos teus me asseverarão

Hum permanente amor , hum laço eterno.

Eu reclamo a teus pés o que juraste ;

Esse voto a teus labios extorquido ,

Não rompe , não destroe o antigo voto ;

A Deosa , que te cinge a seus altares ,

Sobre o teu coração não tem direitos ,

Mais sagrados que os meus ; os meus procedem

Do mesino coração que hoje me negas.

Ah ! contrapezas espontaneos votos

A

(1) Hindo-se.

(2) Apartando-se do Altar , e estende os braços para Afranio , torna logo a encostar-se no Altar. Afranio vultando.

(3) Perturbada chorando , e sem deixar o Altar.

(4) Afranio com vivacidade.

A votos que arrancou brutal violencia?
 Se crês que em fim o Altar lhe alteia o preço,
 Tu tambem, tu primeiro a amor juraste:
 He seu Altar teu peito, amor conserva,
 Indestructivel jus sobre a tua alma;
 Se temes fer sacrilega com Vesta
 Já com amor sacrilega tens sido,
 Com amor que mil vezes attestaste,
 Ousa despedaçar teus duros ferros,
 Ousa restituir-te aos teus direitos,
 O Esposo attende, entrega-lhe a Conforte. (1)

Eri. Olha a terrivel Deosa! . . . Que ameaça. . . .

O Altar que treme! . . . As chaminhas que esmorecem. (2)

Afra. Quem te affasta de mim, não, não he Vesta
 He tua ingratição, tua indifferença,
 Ericia desleal. . . . Eu hoje ao cume
 Da gloria, do prazer hia elevar-me. . . .
 A tua approvação nos enlaçava. . . .
 Confiei-me de ti. . . . Fiz mal, foi erro
 A minha confiança, e vou puni-la. . . .
 Tyranna! vou morrer de amor, de raiva,
 De desesperação. . . . Tu algum dia
 Amaste-me. . . . O remorço ha de virgar-me,
 Se aqui da minha morte houver noticia,
 A ti sómente accusa, a ti sómente;
 Lembre-te o nosso a Deos. . . . Mais deshumana,
 Mais dura para mim, que hum Pai cruento,
 Do pezo desses ferros carregada,

Des-

(1) Ericia com desaccordo e terror.

(2) Afranio com afflicção furiosa.

Deffes ferros servis que me preferes ,
Quando só attender a amor devias ,
Ante este melino Altar. . . . Ha de carpir-
me. (1)

Eri. Oh Deveres ! . . . Oh Vesta ! . . . Amor ! Tri-
unfa ,
Minha alma contra os Ceos por ti decide.
Juro. . . .

S C E N A VI.

Ericia , Afranio , e Emilia.

Emi **A**ugmenta , ou socega os meus terrores ,
Que tudo o que te ouvi me encheo de as-
sombro. (2)
Mas a luz se amortece. . . . A luz se apa-
ga. . . .
Oh Deosa ! Hum homem ! . . . Ah ! . . . (3)

S C E-

(1) Caminha , e torna.

(2) Buscando Ericia por entre a escuridade , que re-
sulta de se ir apagando o fogo.

(3) Vai fugindo o fogo sagrado ; apagando-se , deo
hum grande clarão que lhe fez vér Afranio.

S C E N A VII.

Ericia e Afranio , ambos em huma grande consternação.

Eri. **V** [^]É , vê o effeito (1)
Os damnos que produz minha fraqueza ,
Sabe-se tudo ! . . . Oh Ceos ! . . . Virão-te ,
estamos
Descobertos. . . . Os Deoses sã indigná-
rão. . . .
Afranio. . . . Tu me perdes. . . . Cumpre ,
cumpre
Que me ligue outra vez aos meus deve-
res. . . .
A Deosa quiz trahir. . . . Ella se vingá. . . .
Eu me desdigo já. . . .

Afra. Não continues. (2)
Não ha de ao teu amante o Ceo roubar-te.
Por falta de alimento o fogo extincto ,
Aterra , Ericia ! Dita-lhe hum perjurio ! . . .
Ouço rumor ; bem sei que perigo corres ,
Torno ao meu Socio , vou rogar-lhe au-
xilio ,
Encarregar-lhe vou que apreste a fuga.
Pelo mesmo caminho eu virei logo
Vigiar no teu Fado e no teu risco ,
Arrebatá-te a Vesta , expor-me a tudo ,
Defender-te , ou morrer. (3) (4)

Eri.

(1) Ericia tornando a si com terror e afflicção. Isto antes do verso.

(2) Interrompendo-a rapidamente.

(3) Parte acceleradamente.

(4) Ericia só e perturbada.

Eri. Deixa essa empresa.
 Vesta exige huma victima. . . . Este fogo
 No altar morrendo revelou meu crime. . . .

S C E N A VIII.

*Ericia , Veturia , e todas as Vestaes junto ao
 Altar. As Escravas que trazem luzes. Eri-
 cia procura occultar-se na multidão.*

Vet. **T** Razei luzes , trazei , corra-se o Templo ;
 Tremo o Crime. . . . Oh terror ! . . . Oh
 Sacrilegio ! . . .

O lume protector morreo nas Aras.
 Vesta ameaça Roma ; agouro horrendo
 No ledto instante do annual festejo ,
 Negras Calamidades annuncia ,
 Troca hum dia solemne em dia infausto.
 Na mente que de horrores antecipo !
 Orgão de atroz desastre a Sacra tuba
 Já derrama o terror por toda a parte ,
 O somno se dissipa , o medo acorda ,
 Jaz em luto o Senado , e Roma em pranto
 Vê mil profundos horridos abyssinos ,
 Que as bravas legiões lhe vão sorvendo ,
 Vê cahir Scipião vencido em terra ,
 A affrontosos grillhões os pulços dando. . . .
 O' Deosa Tutelar o agoiro afasta ,
 Baste o sangue do Réo para aplacar-te ;
 Do impio caso o Pontifice advertido
 Em breve chegará : nós , nós veremos
 Este Juiz. Interprete dos Numes ,
 Da vingança dos Cêos encarregado
 Incendido no ardor de hum zelo augusto ,

Da alta Religião brandindo o ferro
Logo , (Oh magoa ! oh vergonha !) em
nossos dias

O crime , o chama aqui ! Deoses Supre-
mos !

Se o Réo nos escapar , não vos escape ,
Se ás nossas mãos fugir , não fuja ao raio ;
Aos Infernos o dou , só nos Infernos
Ha pena que responda ao seu delicto.
Talvez huma Vestal perjura , infame
Sua Complice foi ; Jove permitta
Que o nome da iníel se patenteie ,
E seu justo castigo os Ceos desarme.
Imitai-me ; prostremo-nos ó Virgens
Ante o manchado Altar , e a Deoia irada
Com suspiros , com lagrimas se invoque.

(1)

Eri. Aonde occultarei , supremos Deoses
Meus olhos minha fronte criminosa !
Como que este lugar se vai fundindo
Debaixo de meus passos vacilantes ! . . .
O remorso implacavel me rodêa
Eu fallo Conhecei a delinquente

(2)

Ella mesma se acusa (3)

Vet. Oh detestavel !
Eri. Desculpa não procuro ao meu delicto
Castiga , fere , mata , mas não cubras
De oprobrios , de baldões minha desgraça :
Sim nesta habitação que em pranto alago ,
Por

(1) As Vestaes se prostrão. Ericia não póde escon-
der a perturbação e fica em pé.

(2) Encaminhando-se para Veturia.

(3) As Vestaes a ouvem com horror, e se levantão.

Por mim , por terno impulso huma
alma illustre

Hum mortal generoso hum homem
digno

Da funesta paixão , que me domina
Veio a Deosa insultar no proprio Templo ;
Mas sabe o Ceo que em vez de convidado
Com profana ousadia ao sacrilegio ,
Meu triste coração , se horrorifava ,
'Tremia de ceder aos seus desejos.

Vet. Temeraria , não mais : do Ceo que offendes
Do Ceo que te condemna a graça implora
Em resignado , e timido silencio.
Aos pés do Grão Pontifice , que espero
Deves só revelar ímpios segredos.
'Tu es a que lhe dás hum feio ingresso
Neste lugar tremendo ; aqui sómente
Delictos vem julgar . . . Sua presença
He para nós terrivel : affinala
Nossa afronta . . . Perjura , Indigna , teme
A sentença fatal que de seus labios
Qual raio vingador vem fulminar-te.
Com supremo poder prompta a firmalla ,
No austero Tribunal junto o Senado
A torpe informação sómente espera.
'Impia ! rebelde ao Ceo ! Chora teus Fa-
dos. (1)

C ii

SCE-

(1) Vai-se com as Vestaes , e Escravas.

S C E N A IX.

Ericia só.

Eri. **D**Ebaixo de meus pés negreja a morte! . . .
 Aonde esconderei a angustia, o pejo,
 O terror que me abrange! . . . Eu oiço,
 eu oiço
 Hum Nume vingador que em mim tro-
 véja.

A C T O II.

S C E N A I.

Veturia, Ericia, Aurelio, e Vestiaes.
Aurelio no fundo do Theatro.

Aur. **D**A Santa Dignidade ornado apenas
 Venho satisfazer-lhe a lei mais dura!
 Devo em nome dos Ceos punir delictos! . . .
 Imitar-lhe a clemencia antes quizera. (1)
Vet. Senhor fabes quem foi a mão traidora
 Que a Deosa profanou? . . . Foi huma in-
 grata.
 Huma filha sacrilega de Vesta.
 Vê o Altar de seus fogos despojado,
 Vê com as nodoas do crime o Templo Au-
 gusto. Não

(1) *Veturia caminhando para elle.*

Não decorreo da noite inda metade.
 A Cejeste vingança, hum juſto exemplo
 Deve á luz matutina antecipar-fe. (1)
 A culpada aqui tens, indaga, e julga.
 O público terror, em paz ſe torne.
 Os direitos de Veſta, os ſeus poderes
 Jazem nas tuas mãos depositados. (2)
 Nós vamos por mil votos applacalla. (3)

S C E N A II.

*Aurelio, e Ercia que tem os olhos baixos
 como quem deſeja esconder o reſto aos do
 Pontifice. Aurelio, tendo seguido com
 os olhos as Veſtaes, e olhando
 á roda de ſi.*

Aur. **M**Eus olhos com terror vão rodeando
 Todo eſte Santuario; ante elle eu ſinto
 Tremer-me o coração. . . . Tremer-me as
 plantas. . . .

A leza Divindade eſtá clamando,
 Tratemos de punir, o mais ſe eſqueça.
 Chega. (4)

Eri. Que voz! . . . (5)

Aur. . . . O crime eſtá no Templo (6)
 Hum

(1) Preſenta-lhe Ercia coberta do Véo com a cabeça baixa cheia de confuſão, e terror.

(2) Voltando-ſe para as Veſtaes.

(3) Vai-ſe com as Sacerdotizas.

(4) Para Ercia.

(5) Turbada.

(6) Sem olhar para ella.

Hum castigo exemplar que aterre o crime,
Os Romanos atonitos esperão.
A dureza das leis coartar não posso,
Defende-te se podes (1)

Eri. Ceos! Que lance!
Que amargura! He meu Pai! . . Não,
não me engano (2)

Pune.

Aur. Que vejo! . . Oh Deos! . . *Conhecendo-a.*

Eri. Vês tua Filha.

Aur. Ella! Ericia! Olhos meus, alucinaif-
me! *Aterrado.*

Foi teu Pai contra ti chamado ao
Templo!

Assim. . . . Ao triste vens a presen-
tar-te?

Voltas o rosto . . . e nada me respondes?

Eri. Senhor!

Aur. Jove supremo! Eternos Deoses!

Está pois convencida! A filha encon-
tro! (3)

Os Ceos. . . . A Patria. . . . As leis mandão
que morra!

E eu devo condenalia!

Eri. Hes tu mesmo

Meu Juiz! Ah Senhor!

Aur. Selo he forçoso. . . . *Com amargura.*

Debaixo de que Estrella abominosa

Me criastes oh Ceos! Defenganhado!

Das quimeras do Mundo aos pés dos Numes

Hia

(1) Ericia olhando com perturbação.

(2) Depois de o tornar a encarar, e chegando-se a elle.

(3) Depois de algum silencio.

Hia o fim demandar dos meus desgostos ,
 Da minha agitação. Renunciando
 Nome , Grandezas , tudo , ante os Altares
 Em silencio chorava , a meu despeito
 De Pontifice erguido ao gráo sublime
 Hoje a ti me conduz feroz destino. . . .
 Meu filho já não vive. . . . Eu julgo , eu
 creio

Que huma filha me resta , e vejo. . . .
 Oh forte ! . . .

Que enche todos os seus de eterno opro-
 brio ! . . .

Infeliz ! . . . Esqueceo-te o juramento ? . . .

Foste rebelde ás leis no Ceo dictadas ? . .

Ouzaste ser perjura , e dispozeste

Fim triste a mim , e a ti , na dor , na in-
 famia ! . . .

Eri. Ceos ! . . . Que escuto ! Senhor , eif-me
 prostrada ,

Tua victima sou , mereço a morte ?

Sei meu crime qual he . . . Porém devias

Tu proprio , tu Senhor , lançar-me em
 rosto ? . . .

Minha dor tem direito a lamentar-se.

Eu amava (tu mesmo o conheceste)

Por teu odio tenaz fui constringida ,

A mudar meu Destino , e para sempre

Dos braços Paternaes arremeçada

Me vi , a pezar meu , preza aos Altares ;

O melhor dos maraes me foi roubado ,

Elle me appareceo quando a saudade

Minha fragil razão desacordava ;

Tu , tu sabes se o amo ! . . . Eia , con-
 demna ;

Sentenciaia , castiga Eu já não devo

Es-

Estranhar teu rigor , mas se te infamo ,
 Esse mesmo rigor sômente acusa.
 Sim : quiz fugir deste lugar terrivel ,
 Quiz hum jugo romper que me impozeste ;
 Mas ao designio meu se opoz meu fado :
 Perdi , murchei nas lagrimas , no oprobrio
 A estação de alegria , a flor dos annos ,
 Combater-me , opprimir-me , atormentar-
 me ,

Padecer , suspirar foi meu destino.

A mil tribulações me reduziste :

Só tenho no sepulcro o fim de todas :

Em breve se abrirá por ordem tua . . .

As tuas proprias mãos me arrojão nelle . . .

Teu pranto corre ? . . . Não correo meu
pranto ,

Não soárão meus ais para obrigar-te

A afastar-me hum grilhão pior que a mor-
te ? . . .

Meu , Pai ! . . . Mas não Senhor , meu Pai
não foste ! . . .

Meu Pai no coração me dêra asilo ,

Passaste a meu Juiz , de meu Tyranno :

Este nome feroz véda a ternura.

Aur. Justos Ceos ! . . .

Eri. . . . Tu , só tu me expões à morte ,
Soffre pois o amargor de meus queixu-
mes . . .

Tua filha infeliz , quasi expirando ,

Deve ao seu infortunio esta vingança.

Da morte que me dás tu hês culpado ,

Donde o crime nasceo , nasce o castigo ,

A injustiça abulio razões do sangue.

Amor , sômente amor , aos Pais nos liga ;

Seus beneficios só são seus direitos . . .

Mas

Mas tu que o defamador, tu que a frieza
Sempre com a terna filha exercitaste,
Com que a fagos, Senhor, ou com que ex-
tremos

Meus deveres, e os teus me tens mostrado!
Opposto a meus legitimos desejos
A todo o meu prazer contrario sempre,
Huma só vez se quer não preferiste
O caracter de Pai ao de verdugo;
Destem-me a conhecer o que he desgraça,
Folgaste de meu mal. . . . Não, não te
assombre

Que eu do respeito as leis, Senhor, não
cumpra;

Tu o exemplo me dêste, atropellando
As maviotas leis da natureza.

Aur. Basta. . . . He muito. . . . Não mais, não
mais oh filha. . . .

Poupa meu coração . . . não mo expeda-
ces. . . .

Teu Pai foi criminoso Hés crimino-
sa. . . .

Minha severidade está punida. . . .

Tuas exprobrações enchem minha alma
De remorsos, de horror Eu as mereço.

Oh da minha ambição fructo amargo!

Dous filhos possui nenhum me resta.

Debaixo dos teus pés cavei o abyfmo,

O pavoroso abyfmo, em que te arrojô! . . .

Ericia. . . . Ah minhas lagrimas te vingão. . . .

Tua voz. Tua voz. Aqui re-
fôa. . . . *Põe a mão no peito.*

Fere meu coração, nelle me acusa. . . .

Vai para ella.

Ceos! minha filha esquivava-se a meus braços!

Eri.

Eri. Ah meu Pai! . . . Em que tempo mós of-
freces! .

A'boca do Sepulcro me prantéás!

De meus dias amargos, quasi extinctos,

He este o final dia? . . . A sepultura

Espera já por mim! . . . Meu Pai me some

Na quelle eterno horror! . . . Meu Pai me
chora! . . .

'Tardo amor! Vã piedade! Inutil pran-
to! . . .

Mas que digo! . . . Perdoa-me os furores,

Perdoa-me o delirio. . . Eu despedaço

Teu coração, meu Pai, e a dor te azédo.

Tua filha rebelde, irreverente

Ultraja os Ceos, ultraja a natureza. . .

Mas elles podem mais que os meus transf-
portes;

Releva, oh Pai, releva a minha infânia;

Quiz vingar-me. . . A vingança me hor-
rorisa. . . .

No coração paterno amor desperta! . . .

Houve tempo. . . Ai de mim, tempo em
que fôra

Esse amor precioso a gloria minha. . .

E morro? . . . Morrerei. . . Senhor, não
temas,

Não temas que joutra vez meus ais te
acuzem.

S C E N A. III.

Aurelio , Ercia , e Afranio. Este correndo com precipitação , tendo ouvido os ultimos versos.

Afra. **N**ÃO tu não morrerás ; o Pai de Ercia
Antes de proferir mortal sentença
Ha de arrancar-me a vida.

Aur. Oh Ceos que vejo !

Eri. Que projecto ! . . . Que audacia ! . . . Que delirio

Te reconduz aqui ? Vens , vens de novo
Nas Aras afrontar a Divindade ?

Afra. Cautamente escondido , e prompto a tudo ,
Tua voz conheci , venho amparar-te.
Da tua atrocidade olha os effeitos ,

Para Aurelio.

Barbaro , só em mim teu odio céva.
Dos ferros em que a Deosa a tem ligada ,
Eu vinha resgatar-te a triste filha ,
Debalde a meu furor o altar se oppunha ,
Debalde essa infeliz me recordava
Seu voto , as leis do Ceos , e as leis da
terra.

A tudo me atrevi , só eu fiz tudo ,
Só eu fui Réo. Não oustes condemnalla ;
Eu a victima sou que os Ceos exigem ;
Fere , apaga em meu sangue as furias mi-
nhas

Inspirar-me ternura a caso deves ?

Traze á memoria os golpes que me has
dado ,

Meus tormentos , meu mal revê na idéa ,
Lem-

Lembre-te que de ti nascêrão todos,
 Que me tens obrigado a desejar-te
 A morte mais atroz, que do meu odio
 Seguro não estás, que te detesto. . . .
 Ah senão fosse a tua iniquidade
 Tu bem sabes, cruel, se eu te amaria!

Eri Espera. . . . Que he meu Pai reflete, in-
 tano,

Olha a consternação que o justifica. . . .
 Cruel! . . . Para que vens vituperallo
 Envenenar-lhe a dor, talvez perder-te. . . .
 Morrer sem me salvar? . . . Meu Pai vieste
 Com braço vingador pôr freio ao Crime. . . .
 Não te enganas da victima na escolha,
 Amim, que delinqui, punir só deves. . . .
 De cegos fernezins desacordada
 Aos Ceos, a Vesta preferi o amante
 Elle, ah! . . . Elle, sem ver minha fraqueza,
 Já mais conceberia as esperanças
 De arrancar-me a cerviz de hum jugo eter-
 no.

Eu devêra lutar . . . lutar não pude.

Aur. Meus filhos. . . . *Pegando-lhes nas mãos.*

Afra. Tu suspiras! . . . Que resolves? . . .

Apertendo-lhe a mão.

Da ternura em teus olhos serve o pranto;
 Falla; com huma palavra, extrahir podes
 Os teriores mortaes, que em mim se ar-
 reigão.

Emudeces! . . . Bem sei vais condemna-
 la! . . . (1)

Mas meu amor, meu braço inda lhe restão.
 Roma de meus Avós he grata ao zelo,

El-

(1) Larga-lhe a mão com furor.

Ella recordará quanto me deve ;
Se em Roma tenho amigos , tu bem sa-
bes ,

E se o sangue Publicola se estima.
Sou vivo , impedirei o atroz projecto ,
O negro detestavel Sacrificio. . . .
Treme , eu vou.

Eri. Pára , vê tua injustiça ,
Venera aquellas cãs , ouve-me ao menos ;
Huma esperança vã do peito expulsa. . . .
Reculò , é delàprovo os teus excessos.
Os Deoses a sentença proferirão. . . .
Meu Pai por dever Santo he orgão della.
Tu , no meu coração reinas , triunfas. . . .
Por esta confissão me entrego á morte.
A minha vida está nas mãos de Vesta. . . .
Eu te adoro , eu te perco , eu para sem-
pre
Meus dias vou fechar. . . . Na sepultu-
ra. . . .
Meus dias . . . que por ti só me erão gra-
tos. . . .
Submette-te. . . . Refreia os teus furores ;
Não aggraves hum crime , hum Pai res-
peita. . . .
No semblante do Pai contempla a Filha ;
Vive para adoçar-lhe a desventura ;
Nos frouxos olhos seus enxuga o pranto ,
Em vez de lho augmentar com teus insultos. . . .
Exegir inda mais talvez podéra. . . .
Ah ! Por ti morro. . . . De animo care-
ço. . . .
Acceita hum triste a Deos. . . . A Deos da
morte. . . .

Nun-

Nunca mais te verei *Afasta-se vagaro-*
samente (1)

Afra. Ercia , Ercia !

Ella foge ; os meus gritos são baldados.

S C E N A IV.

Aurelio , Afranio. Este voltando-se para *Aurelio* ,
e com voz arrebatado.

Afra **E** Scuta. . . . Não te enganes , não pre-
fâmas

Que eu se Ercia perder seu Pai respeite ,
Vê que no Amante hum vingador lhe fi-
ca. . . .

Mas que faço ! . . . A que excessos me
arrebata

Meu inutil furor ! He desta sorte ,
Que hum Rêo ao seu Juiz perdão sup-
plica !

Tu me ves a teus pés depôr a audacia ,
Tu prostrado me ves , ves que te imploro

Para te conservar teu proprio sangue ,
Para evitar-te os prantos , e os remorsos
Para salvar de hum fim tão lastimoso

Huns dias preciosos huma vida

Que debes respeitar ; por ti , por ella ;

Recorro ao pranto , ás supplicas me aba-
to. . . .

Pontifice dos Deoses , se sensível. . . .

Sê

(1) Afranio seguindo-a. Ella pára, olha para elle com amargura , volta-se arrebatadamente , e desaparece.

Sê Pai. . . . Tu choras? . . . Lagrimas não
bastão,

Ericia mais que lagrimas percifa;

Estrova a tua morte, a minha, a tua.

Aur. Vai, já meu coração, já me tem dito
Quando pôde dizer. . . . Porém minha al-
ma

Attonita de horror, mede, contempla

A medonha extensão dos seus deveres.

O Pai não pôde. . . . Oh Ceos! . . . Alu-
cinar-se. . . .

Sim da Religião sevêra immovel

No tribunal sagrado elle preside. . . .

Elle chora. . . . Estremece. . . . Esta sen-
tença

He direito, he dever do gráo que occupa;

O ferro da Justiça arinou-lhe a dextra. . . .

Não pôde perdoar. . . .

Afra. Que leis! Que horrores!

Os Ceos anhelão sangue! Ordenão mortes?

Exigem Parricidos! Tu confundes

Com a Relegião teu impio zelo. . . .

Inhumano! elle he Pai, e eu sou quem
— roga!

Esta sentença barbara te aterra,

E, apesar do terror vais proferi-la!

Aur. Afranio. . . .

Chora.

Afra. Vai-te deixa-me Tiranno

Arebatado

Artifice fatal dos nossos males! . . .

'Tu ves que precipicio a mim, e á Filha

Cavou tua injustiça. Em melhor tempo

A meu ardente amor porque a roubaste?

Justo seria. . . . As horas passão, fogem,

Aproveita-las vou, devo salva-la.

Se isto he crime, encarrego-me do crime,

Se

Se nisto afronto os Ceos , os Ceos tem
 Raios ;
 Posso remir a victima que adoro ;
 Ha caminho que a ella me conduza ;
 Consente-o : não arriscas tua gloria ,
 Balta só que retardes a sentença
 Se a retardas , Senhor , salvasse a Filha.
 Da palavra que dou , verás , o effeito .
Aur. Que intenta ! . . . A que cegueira amor
 o arrasta ! (1)
 Ah Mancebo infeliz ! que pronuncias !
 Dentro em meu coração não lem teus
 olhos
 Eu o golpe lhe dei com que ella espira . . .
 Ah nesta alma Paterna inconsolavel
 Com mais exprobações o horror não do-
 bres
 De benigna piedade eu necessito
 Vê meu debil poder Já no Senado
 Os Severos Pontifices se ajuntão ;
 Do crime perpetrado em breve esperão
 Exacta informação que dar lhes devo
 Ou demora , ou descuido , as leis não sof-
 frem .
 A mesma criminosa se delata
 O zelo impaciente apressa a pena
 Retardar-se não póde o sacrificio
 Que o meu dever me impõe , que Roma
 espera .
Afra. Sacrificio ! De quem ! De Ercia ! Ah caião
 Caião primeiros esses crueis Altares

Nas

(1) Aurelio a custo, e como reanimando a constan-
 çia.

Nas ruínas dos tectos abrazados ;

Primeiro o Sacro fogo em cinzas torne

De feroz Vesta as barbaras Escravas !

Já não fei da razão , já nada attendo

Meu coração raivoso , arrebatado

Ousá desafiar todos os Deoses.

Embora sobre mim rebentem raios :

Nada póde estorvar que eu vingue Ercia ,

Que eu vingue a minha amada Oh

Ceos ! Vinga-la !

Outras idéas tenho , outros cuidados :

Sómente o de salva-la he que me occupo :

Aurelio , meus tormentos te commovão , ,

Ah ! faze que o Pontífice emudeça ;

Triunfe a natureza , amor triunfe

Lança-se-lhe aos pés.

Oh meu Pai ! Tenho o jus de assim
chamar-te

Nada tentas , Senhor , nada te incita !

A proxima desgraça não te aterra !

Que ! Poderás ouvir , ver tua Filha

Gemer , e caminhar ao transe horrivel

No sepulcro fatal sumir-se viva !

Pela ultima vez tendo lançado

Os olhos para ti e em vão chorando ,

Pedindo em vão piedade ao Pai , aos Deo-
ses !

Poderás ver seu pranto Origem del-
le !

Treme a tão negra idéa a Natureza !

Aurelio ! Que espetaculo ! E serias

Capaz de o supportar !

*Aurelio o encara com ternura , levanta-o , torna
a encara-lo , e vai-se.*

SCENA V.

Afranio só.

Afra. **F** Oge, não me ouve! . . .
 Tudo infeliz Donzella, te abandona! . . .

Depois de alguma pausa.

Tudo, tudo perdeo! . . . Não: eu lhe
 resto,

Basta. Appele-se á força. Arme-se a raiva,
 Congregue-se hum Partido, ajudem prom-
 ptos

Os Confidentes meus minha vingança,
 E com ferro, e violencia aqui torneimos.
 Ao Sepulcro se arranque a minha amada,
 Arranque-se aos Verdugos, a despeito
 Dos Romanos, das leis, e até dos Nu-
 mes.

A C T O III.

O fundo do Theatro está aberto, deixa ver huma Praça que faz parte do Recinto; nota-se alli huma terra elevada que he o Sepulcro destinado para Ercia; a entrada he por cima. A' roda grandes pedras que devem fecha-lo.
Vem quasi amanhecendo.

S C E N A I.

Aurelio só cheio de consternação caminha algum tempo pela Scena sem dizer nada, ergue os olhos para o Ceo, e recua horrorizado à vista do Sepulcro.

Aur. **Q**ue espetaculo! Oh Vesta! . . . A criminosa
Está julgada em fim. . . . Não tem refugio. . . .
Eu a sentenciei . . . Serás vingada. . . .
Os Pontifices todos a condemnão. . . .
Perdoa-me estas lagrimas. . . . Ao Fado
De huma Filha infeliz são bem devidas. . . .
Debalde quer firmar-se a natureza. . . . (1)
O aspecto do Sepulcro me confunde. . . .
Me arrepia. . . . Me abate. . . . E posso, oh
Deosa,
O rigor sustentar de meus deveres? . . .
D ii Afra-

(1) Olha para toda a parte com inquietação.

Afranio

. Que esperanças , que desejos
Se afoita a conceber minha alma infana?

Eu sou Juiz , Pontifice , e Romano (1)

Eu sou Pai elle vio minha amargu-
ra

Ama he audaz A tudo ha de at-
trever-se

Venha os impetos feus Eu cer-
ro os olhos.

Mas onde me transporta e meu delirio !

Vingança devo ás leis Vingança aos
Nunes

A minha propria Filha em honra del-
les

Devo sacrificar ! Que angustia !
Afranio !

Afranio ! . . . Este desejo , he sacrilegio.

Tornando a olhar.

Com que voz , com que face , oh filha
minha ,

Ha de teu Pai miserrimo intimar-te

Depois de algum silencio.

A sentença cruel , que deo forçado ?

Com que animo a teus olhos tenebrosos

Hei de expôr o Sepulcro ! A mor-
te ! O Nada !

Socorro , eterno Jove ! Eu deffaleço.

*Encosta-se a hum canto do Theatro , e fica
em profunda affição.*

SCE-

(1) Rapidamente , e como fallando a seu pezar.

S C E N A II.

Aurelio, e Ercia: esta caminha lentamente, e com hum ar desacordado.

Eri. **O** Nde vou! . . . Tudo augmenta os meus terrores. . . .

A morte me aproxima em cada passo. . . .

Senhor. . . . Na turbação que lhe devifo (1)

Se nutrem minhas ancias! . . . Tarde. . . .

Ai! . . .

Deparado me foi o amor Parerno.

Aur. E's tu Filha! *Como acordando, e falando a custo.* (2)

Eri. . . . Acolá me espera a morte,
Meu Pai!

Aur. Para morrer devo dispo-la! . . .
Chorando. (3)

Eri. Já nenhuma esperança me permittem? . . .
Choras! . . . Suspiras! . . . Basta, eu me resigno.

O Senado firmou minha sentença! . . .

Afranio. . . . Te-lo amado he só meu crime.

Este funesto amor, que negros males

Semeou na minha alma, e nos meus dias! . . .

Meu Pai. . . . Que injuria atroz fiz eu aos

Numes? . . . *Sem*

(1) Caminha para o Pai que não repara nella.

(2) Olha para o Sepulcro, volta-se para o Pai, e aponta para elle.

(3) Torna a encostar-se.

Sem querer te enveneno o fim da vida. . . .
 Porém dos annos meus pondera o Fado.
 Elles por dura lei se tem volvido
 Neste Carcere triste em amarguras,
 Em defesperação, queixumes, prantos;
 Vê como se terminão! . . . Cerra os olhos, (1)
 Cuida só em punir, meus ais não oiças,
 Suffoca as sensações da humanidade,
 Repulsa a natureza horrorizada. . . .
 Senhor. . . . Se compassivo em outro tempo
 Sua voz attendesses, não virias
 Exercer este horrivel ministerio;
 Tu serias feliz. . . . De Afranio eu fôra. . . .
 Perdoa. . . . Dezatino. . . . A seus transpor-
 tes
 Se dá meu coração mais do que deve. . . .
 Lamento-te Senhor. . . . Adoro Afranio. . . .
 E vou morrer! . . . Constancia, fortaleza
 Armem teu peito agooa, ouza animar-me
 No momento fatal socorre Ercia
 Eu não receio a morte, a injuria temo,
 Inda cedendo a amor, dei culto á honra.
 Seguia hum terno Esposo, hum digno
 amante,
 Que me ofertava a liberdade, a gloria,
 Seguia hum coração que ao meu se unira
 Desde a tenra, viçosa adolescencia. . . .
 Morro com tudo no supplicio infame,
 Que pune corações torpes, abjectos,
 Falsos ao mesmo tempo a si, e aos Deo-
 fes. . . .

Os

(1) Aurelio se levanta, dá hum gemido, e cahe na sua primeira situação.

Os injustos mortaes alucinados

Do crime não distinguem a fraqueza?

Serei da opinião victima triste! (1)

Aur. Ah Filha deploravel! . . . Espereimos. . . .

Se a fortuna. . . . Se os Ccos. . . . Se os
meus desejos. . . .

Que crime! . . . Que esperanza! . . . Oh
negros Fados! . . . (2)

S C E N A III.

Veturia, Aurelio, e Ercia.

Vet. **J**A', Ministro sagrado, as sombras fogem,

A Aurora vem raiando, e sem vingança

A Deo'a ainda está, e a afflita Roma!

Expie-se o delicto, o mal se arrede;

Morra a culpada no supplicio justo;

Hoje este indispensavel Sacrificio

Seja o primeiro que os Romanos vejam:

Ao 'Templo consternado o Sol nascente,

Recondazindo a luz, de novo encontre

Nestes Altares a pureza augusta,

E preste a nossos cultos nova chamma,

Na sombra em que nasceu se ausente o
crime.

De Vesta celebrar-se os ritos podem

Este promposo instante acceleremos:

Mo-

(1) Aurelio levantando-se, e caminhando depreça pelo Theatro, e olhando para o fundo.

(2) Com dor, e iusto.

Motivo algum não ha para a demora ;
 Dos offendidos Ceos , do Altar manchado
 Seja a vingança pública , e solemne ,
 Ao Povo impaciente as portas se abráo.
 Soldados , vigiai por toda a parte
 Neste santo lugar ; vossa presença
 Contenha a multidão. Vestaes , he tempo ,
 Vinde. (1)

Eri. . . . (2) A meu termo , oh Ceos ! estou
 chegada !

Morte cruel ! Ao teu aspecto horrivel
 A humanidade treme antes de tempo
 Caio , e me escondo em teu abyfino eter-
 no !

Aur. (3) Criminosa esperança abafar de-
 vo. . . .

Ceo ! . . . Cumpre obedecer ! . . . Tu me
 conforta.

Vet. (4) Tudo , Santo Ministro está disposto ;
 Execute-se a lei. Essa perjura ,
 Que alta justiça ao Tumulo condemna ,
 Hum nome que manchou , não leve a elle.
 Do sacro véo despoje-se a rebelde ,
 Por seus membros se estenda o véo da
 morte.

Aur.

(1) O fundo do Theatro se enche ; as Vestaes vem
 com os Pontifices ; os soldados dispersos pela Scena ,
 afastando o Povo da Sepultura.

(2) Lança os olhos para a Turba, e ergue-os para o
 Ceo.

(3) Olhando para huma parte com perturbação.

(4) Pegando no véo negro que lhe traz huma das
 Vestaes.

Aur. (1) Que barbaro dever!

Eri. Momento acerbo! (2)

Senhor , tu estremecees ! . . . Vê que todos
Abaixa a voz.

Tem nas tuas acções os olhos fitos ,

Conclue. . . . De ser Pai não he já tem-
po. . . .

Do Juiz , do Pontifice eis a hora.

Para o negro Sepulcro os passios move. . . .

Eu só devo tremer , e lamentar-me. . . .

Tu. . . . Obedece aos Deoses. Quando A-
franio. . . . (3)

Onde triste memoria , me arrebatas ! . . .

Ah , meu final momento á amor pertenc-
ce. (4)

Vet. (5) Tua morte socegue a afflita Roma.

Os males que temia em ti descaião:

Só tua iniqua frente os Deoses firão.

Eri. (6) A Deos querida Emilia.

Emi. (7) Ah fui-te falsa

O meu zelo indiscreto urdio-te a morte.

Eri. Vê se neste lugar mora a ventura. (8)

De

(1) Pega no véo negro que Veturia lhe dá , e entre-
tanto algumas Vestaes tirão o véo branco a Ercia.

(2) Chega-se para seu Pai.

(3) Com voz ainda mais baixa.

(4) Abaixa a cabeça; Aurelio ergue o véo com mão
trémula, e o deixa cahir nella.

(5) Veturia em quanto Ercia recebe o véo.

(6) Depois de ter dado alguns passios, e achando-se aq
pé de Emilia.

(7) Detendo-a e lançando-se-lhe aos pés.

(8) Levantando-a nos braços.

(1) De fraqueza hum momento alli me
abyssina.

Implorai a Deidade a bem de Ercia,
De Ercia triste. *Para as Vestaes.*

(2) O meu caminho he este? (3)

Vet. Toda aquella entre nós que ousar man-
char-se.

De tão feio attentado, assim pereça.

Vestaes, que sacra lei nas Aras prende,

Das vinganças do Ceo vedes o exemplo;

Tende-o sempre ante os olhos aterrados,

Adoremos a Deosa inexoravel;

A seus augultos pés tremei comigo.

Aur. Oh dor! (4)

Eri. He pois aqui meu ponto extremo! . . .

Deixo em fim de existir! . . . De amar! . . .

Perdoa

Siim perdoa-me oh Ceo, talvez te offen-
do;

Mas ache hum protector, ache hum re-
fugio

Em teu poder supremo a gloria minha!

Tu ao meu coração, quando me punes,

Tu ao meu coração faze justiça;

El-

(1) Mostra lhe o Sepulcro.

(2) Olha para o Sepulcro; a multidão do Povo con-
corre, e põe-se em roda; os soldados que conservão a
Turba em huma certa distancia, estão postos em filei-
ra, e deixão entre li hum caminho livre.

(3) Volta a cabeça de vagar, e caminha com horror-
para onde está a sepultura.

(4) Olha para o Sepulcro, vê sua filha que lhe con-
templa a profundidade com terror. Aurelio volta a cebe-
ça, e encosta-se a hum Pontífice.

Elle de corrupção não foi tocado.
Sacerdotes , Vestaes , Povo Romano ,
Em prova do que ouvis attesto os Deoses ,
Que aos impios dão no Inferno eternas
penas ;

Não , no estado em que estou não ha fingidos ;

Entre a morte , entre mim só vejo hum passo :

Mas sofrei que ao morrer me queixe ao menos.

Respeitos , fugeiões , ou interesses
De todo para mim se desvanecem ;
Das cegas prevenções o véo rasgando ,
A verdade nos Tumulos se encosta . . .

Dalli he que ella falla , e resplandece.

Quando maligno Fado , a meu despeito ,
Me conduzio Vestaes ao Templo vosso ,
Vós que vistes meu pranto , e meus pezares ,

Expulstastes-me então , como devieis ?

Não , vós minhas cadeias apertastes ,

E desde esse cruel , terrivel dia ,

Sempre , sempre a gemer busquei socorro ,

Busquei piedade em vós . . . E achei piedade ? . . .

Não , só fallar ouvia em leis tremendas ,

Que arremessão no horror da Supultura

Profanas infieis Sacerdotizas ;

Calava-se a piedade , a dor crescia ,

E do temor nalceo meu artificio.

O infeliz coração que exarcerbastes ,

Pelo não parecer , foi criminoso

Talvez dobrou seu mal por occulta-lo ,

Com-

Compassivos talvez vossos disvelos
Chagas que amor lhe abriu curar podem.

Nada obtive de vós. . . . Morrer me vedes.

Ah praza , praza ao Ceo , que deplorando

Os tristes Fados meus , não mais , oh Virgens ,

Franquieis vosso Templo a Desgraçadas !

Estas preces ouvi , eu vos perdo-o. . . .

Vesta ! Vê meus reitorços ; não me siga

Teu odio , teu furor além da morte. (1)

SCENA ULTIMA.

Os Actores precedentes , Afranio com hum punhal na mão , seguido de Romanos armados , e abrindo caminho por entre o Povo. Aurelio em toda esta Scena mostra com géstos a sua extrema consternação.

Afra. **F** Ugi.

Vet. Que voz sacrilega interrompe
Indo para elle.

Hum acto. . . . Porque empunhas esse ferro ?

Afra. Treme. . . . E tremei tambem Sacerdotizas. . . .

En-

(1) Abaixa o véo e caminha de vagar para o Sepulcro.

Entregai-me. . . . Que vejo ! . Oh Ceos ! . .

Derem-te. . . . (1)

Eri. Oh Deuses ! Onde estou ! (2)

Fica como desmaiada.

Afra.(3) Meus dignos Socios (4)

Vem com resolução capaz de tudo

Proteger meu amor, ou minha raiva. . . .

Não temas o furor de hum zelo injusto,

De hum zelo que te ultraja. . . . Estou
contigo. (5)

Para sacrificá-la he necessario

Romanos, que primeiro no meu sangue

As mãos enchovalheis; não desamparo

A lastimota victima; reclamo

Sobre esta Sepultura a minha amada,

A minha Esposa. . . . He justo que em
meus braços

Vós a depositeis. Eu quiz livrá-la

De acerba escravidão, ninguém me ex-
probre

Que insulto a Deosa; recebi primeiro

De Ercia o coração, ternura, e votos;

Vesta com duras leis a tinha preza;

Ella me pertencia. . . . Os meus direitos

Manter quero ante vós: Qual he mais
Santo?

Eu amo, eu sou amado. . . . Eia responde
Pon-

(1) Vê Ercia junto á sepultura, corre a ella, lança-lh^e os braços ao tempo em que ella já tem hum pé no Sepulcro, e levanta o outro para descer.

(2) Aterrada, e cahindo sobre a pedra do Sepulcro.

(3) Transportado.

(4) Aponta para os companheiros.

(5) Voltando-se para o Povo.

Pontifice, a ti mesmo afoito appelo.

Para Aurelio.

Tu nos viste formar tão doces laços:
 Teu orgulho es quebrou: para exaltares
 Hum filho, dous amantes dezunifste. . . .
 Romanos conhecei toda a sua alma,
 Estorvai hum delicto abominoso. . . .
 O Barbaro he seu Pai.

Apontando para Ercia.

Vet. Seu Pai!

Todos mostram admiração.

Afra. Dos braços,
 Dos braços a roubou de hum terno Aman-
 te,

E neste dia ordena a morte della! . . .

Ella não morrerá; minha ternura

Vem remi-la do horror do captiveiro.

Meu zelo vem romper-lhe o ferreo jugo,

Que tanto na cerviz lhe tem pezado

Manter a immuniidade he crime em Ro-
 ma?

Examinem-se as leis, que o Tibre adora.

O humano coração tende á ventura

Que voto ha, que derrogue este desejo?

Votos, que a força impoz, não podem
 tanto.

He resistir aos Ceos, he ser culpado

Romper hum jugo, hum jugo insupport-
 tavel?

De causar nossa angustia os Deoses fol-
 gão?

Folgação de nossos ais, de nossos prantos?

Os ferros, e opperações nos amontoão?

Nós somos filhos seus, não seus Escra-
 vos! . . .

Vet.

Vet. (1) Deoses ! . . . Ainda o Raio está suspenso !

Romanos , castigai . . .

Afra. (3) . . . Fieis amigos ,
Favorecei meu impeto . . . Romanos

O Povo.

Esperai , quando não fervendo em raiva ,
O Templo cubrirei de horror , de estragos ;

Perseguirei bramindo os vossos dias

Defronte desses Deoses implacaveis ,

Cubiçosos de lagrimas , e sangue !

Se derramando-o só lhes aprazemos ,

Se Vesta em fim o exige . . . Eu a contento . . .

Que Deoses cujas leis , cuja grandeza

Em vez de proteger , o mundo opprimem !

Que as Aras querem ver nadando em sangue ,

Quando para applaca-los deveria

Ser bastante hum só ai , hum só remorso !

Detesto os Deoses máos que adora o Medo ,

Filhos do engano , pela morte honrados . . .

Inda que Vesta subito me abrisse

A terra em bocas mil para tragar-me ,

Eu não conheceria . . . Eu não conheço

Se não o Author de Roma , o Deos da Guerra.

Dos Meus Concidadões o Deos terrivel . . .

Por elle o Mundo , promettido a Roma

Ha

(1) Com huma especie de horror-

(2) Aos seus amigos, vendo a plebe disposta a amotinar-se.

Ha de soffrer-lhe as leis , sentir-lhe os
ferros. . . .

Marte de Ercia não exige a morte ;
Ella por mim suspira ; aquelle affecto
Para arrancar-lhe a vida he hum direito ?
Ceos ! Que contradição divizo em Roma ?
Onde Venus se adora , amor se pune !
Merece Amor este cruel supplicio ?
Como ! A Religião faz deshumanos ?
Sempre a superstição desatinada
Oh Ceos ! Oh Natureza ! Ha de affrontar-
vos !

Sempre de idéas vãs envilecida ,
Ha de a razão fazer , e a Humanidade !
Sempre o cego Mortal ceder a enganos ! . . .
Ah dos Numes que asilo esperaremos ,
Se a morte se colloca ao pé das Aras !
Deve o Medo offertar nosos Incenços ?
Não ! . . . Se o Ceo quer vingar-se , o Ceo
se vingue . . .

E quando vós puniz , talvez perdoe ;
Só compete aos Mortaes orar aos Numes. . .
Mas demorei-me affás ; vem , segue , A-
franio ,
Meu servido valor desesperado

Para Ercia.

Passagem te abrirá por entre o Povo.

Eri. Deixa-me ! . . . Temes os Ceos , de quem
blaffemas.

Afra. Se minha , vem , depois os Ceos fulmi-
nem ,

Dos Deoses a pezar eu hei de obter-te ;
Minha promessa tens , e exijo a tua ,
Minha Esposa serás. . . . Dos Ceos á face ,
Sobre este horrivel Tumulo profiro

O solemne inmutavel juramento ;
 Nada póde arrancar-te dos meus braços ;
 Neste meu juramento , attesto , invoco :
 Amor , Jupiter mesmo , a mesma Vesta.

Eri. Espera. . . . Tu que podes? deixa , deixa
 Este lugar em paz , não o profanes. . . .
 Satisfeito serão Amor , e Vesta.
 Olha o Povo a bramar ! quer minha morte :
 O duro Sacrificio em vão suspendes.
 Romanos , eis o Amante idolatrado
 Que á Patria , que ao dever , que aos Ceos
 prefiro ;
 Dos annos meus lhe consagrei a aurora. . . .
 Meus primeiros suspiros , forão delle ,
 Delle será meu ultimo suspiro
 Caeme o grillhão , recobra a liberdade. (1)
 Oh tu que imperas só nos meus sentidos !
 Queres a minha mão ? . . . (2)
 Recebe-a , he tua.

Aur. Deoses ! . . . eu morro ! . . .

Afra. Ercia ! . . . Oh raiva ! . . . Oh
 crime !

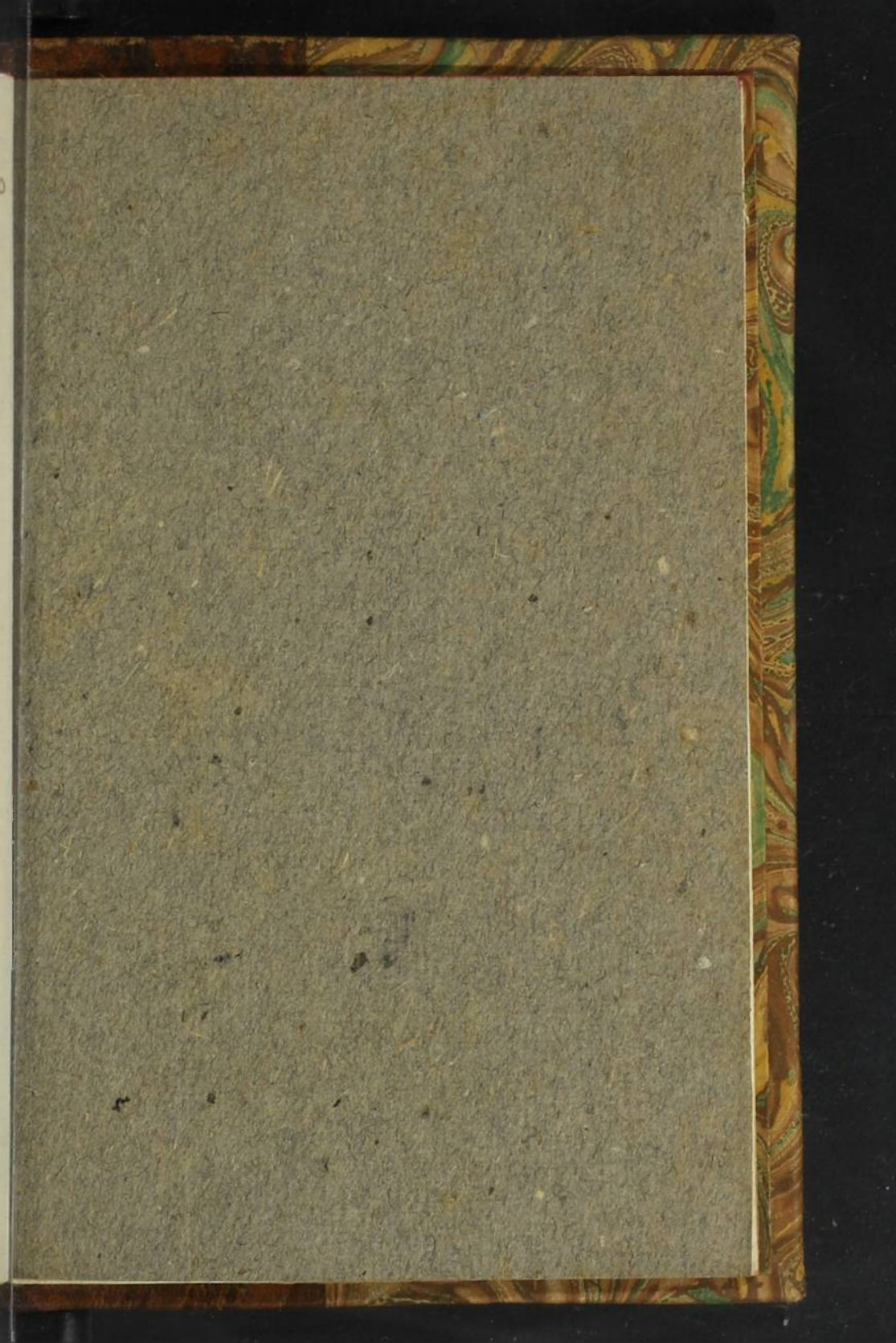
Ceo tyranno ! . . . Outra victima te offereço. (3)

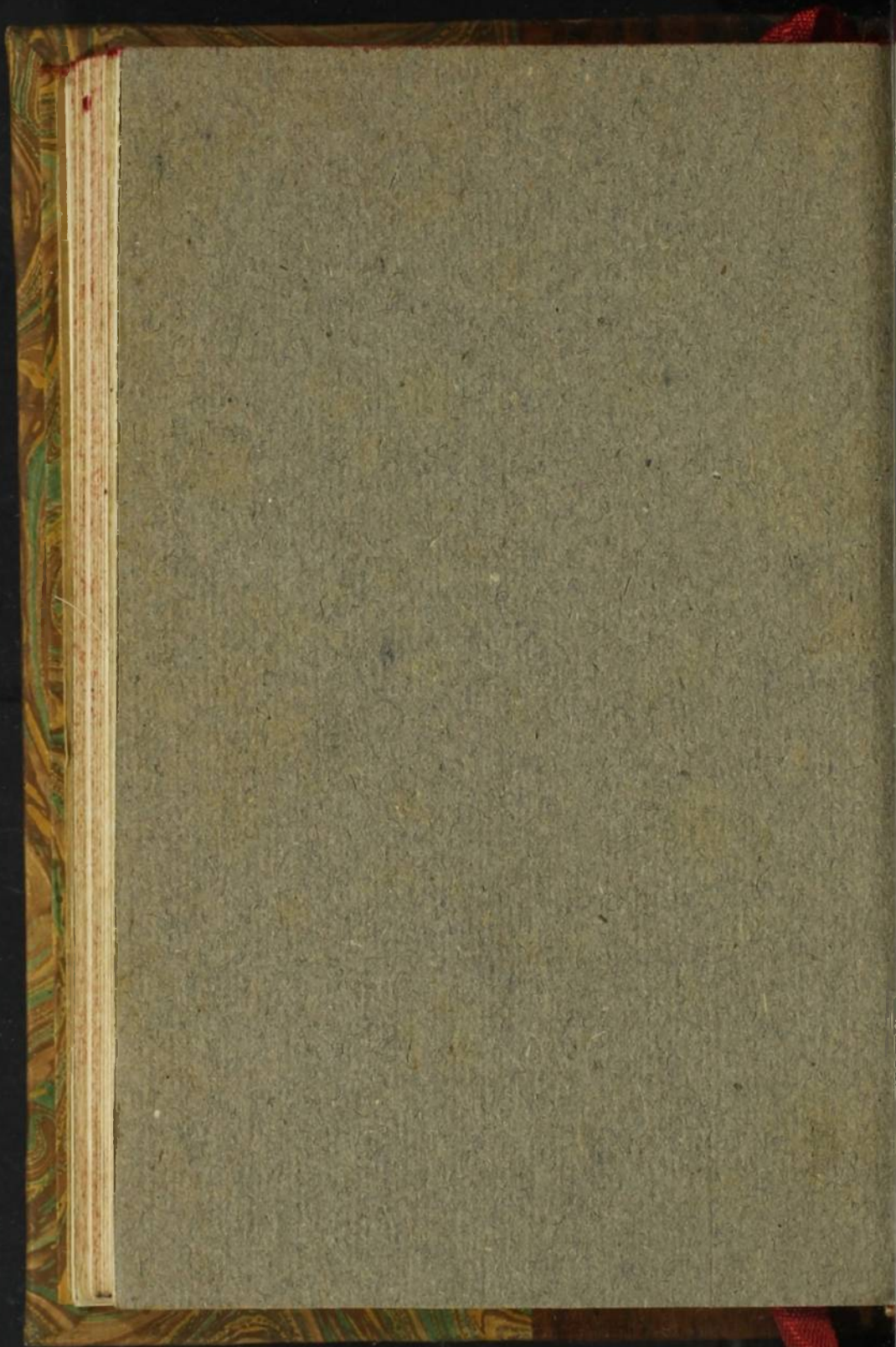
E

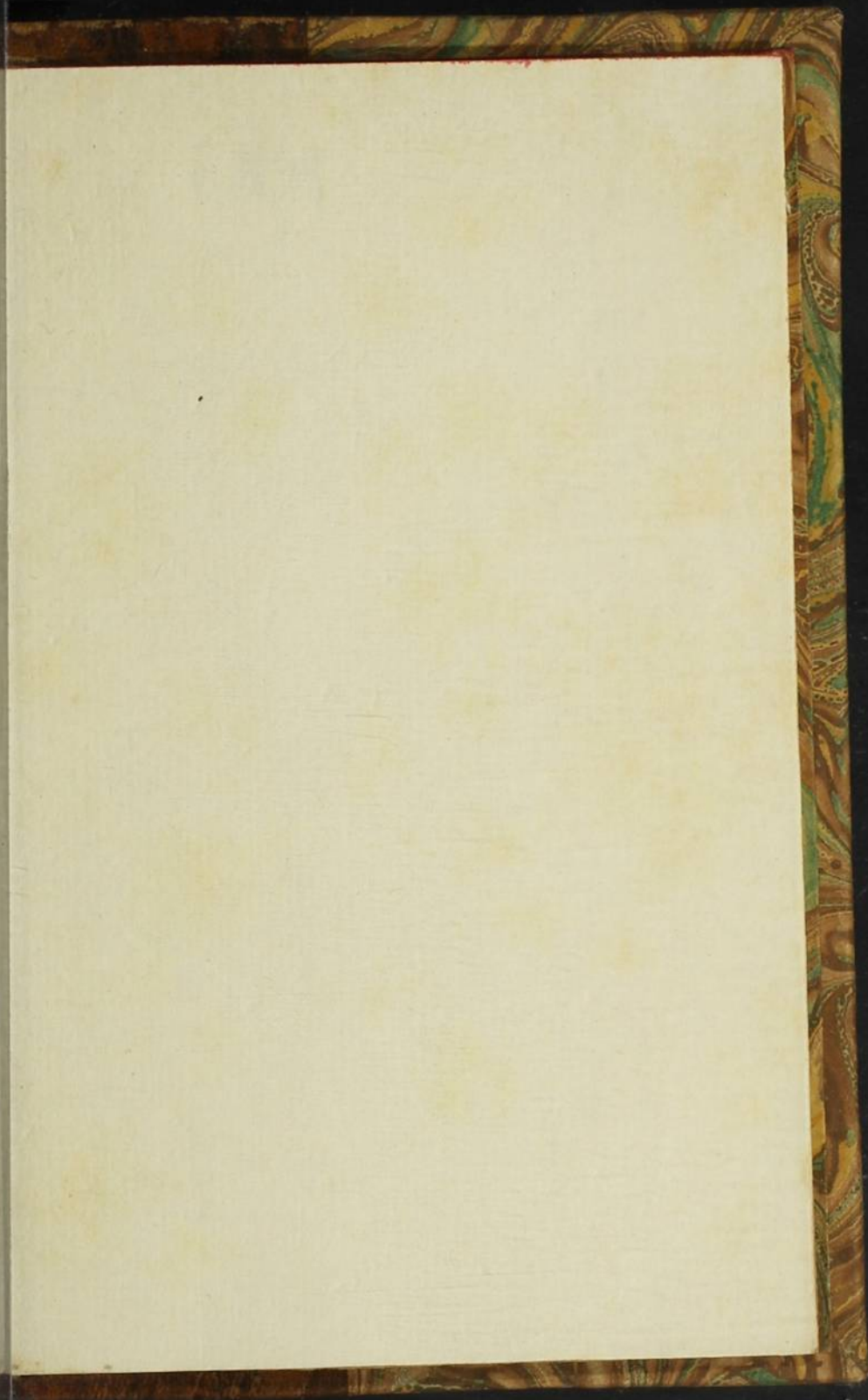
(1) Voltando-se para Afranio.

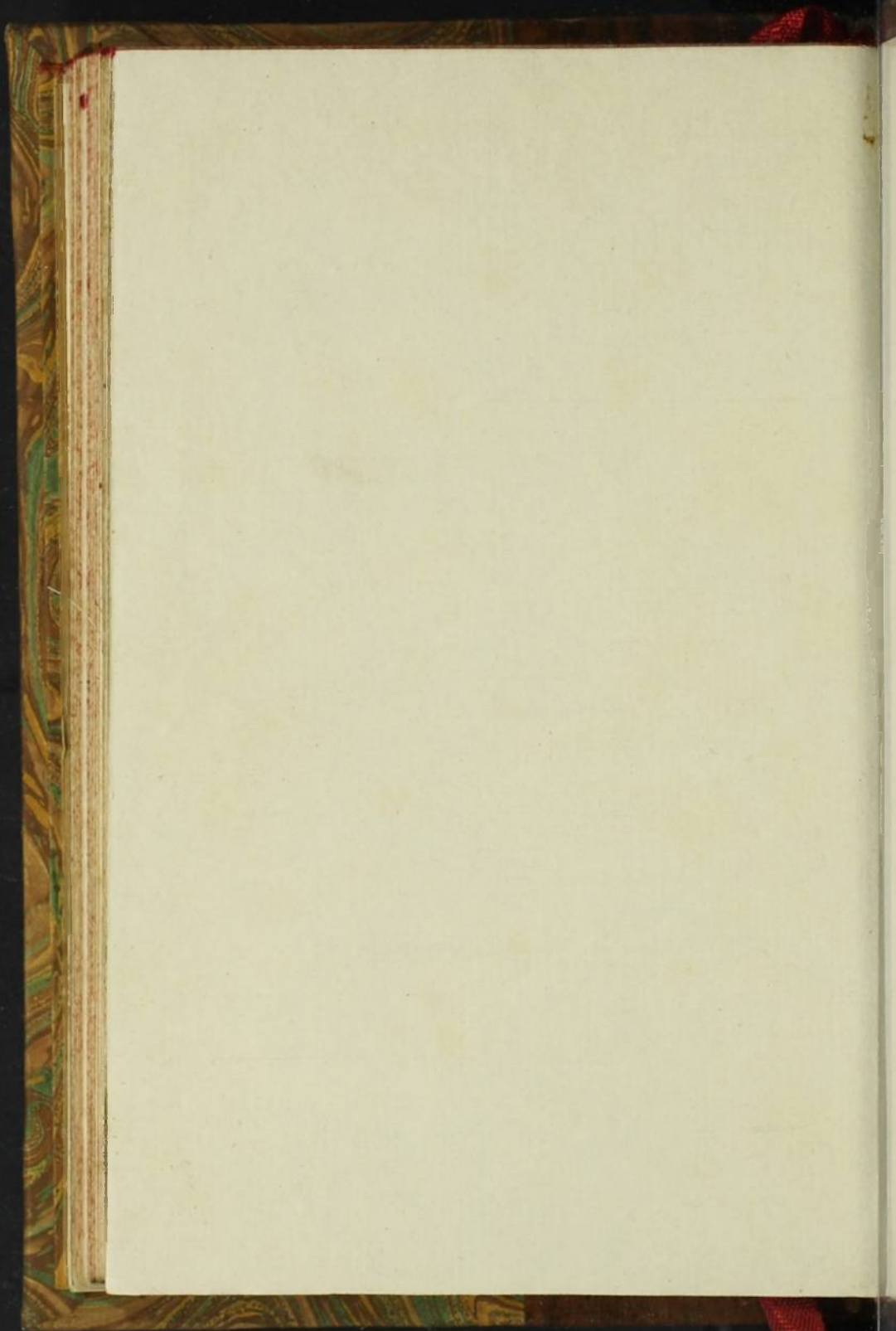
(2) Lança-se arrebatadamente ao punhal de Afranio, fere-se com elle , e estende-lhe a mão, dizendo.

(3) Arranca-lhe o punhal, e mata-lê. Aurelio confiternado se encosta a hum Pontifice. O Povo, e soldados mosirão dor, e compaixão. Os Pontifices, e as Vestaes horror , e affombro.









7AA

